

Ac. 37424
297 x 8950362

Estudantina



ANNO II

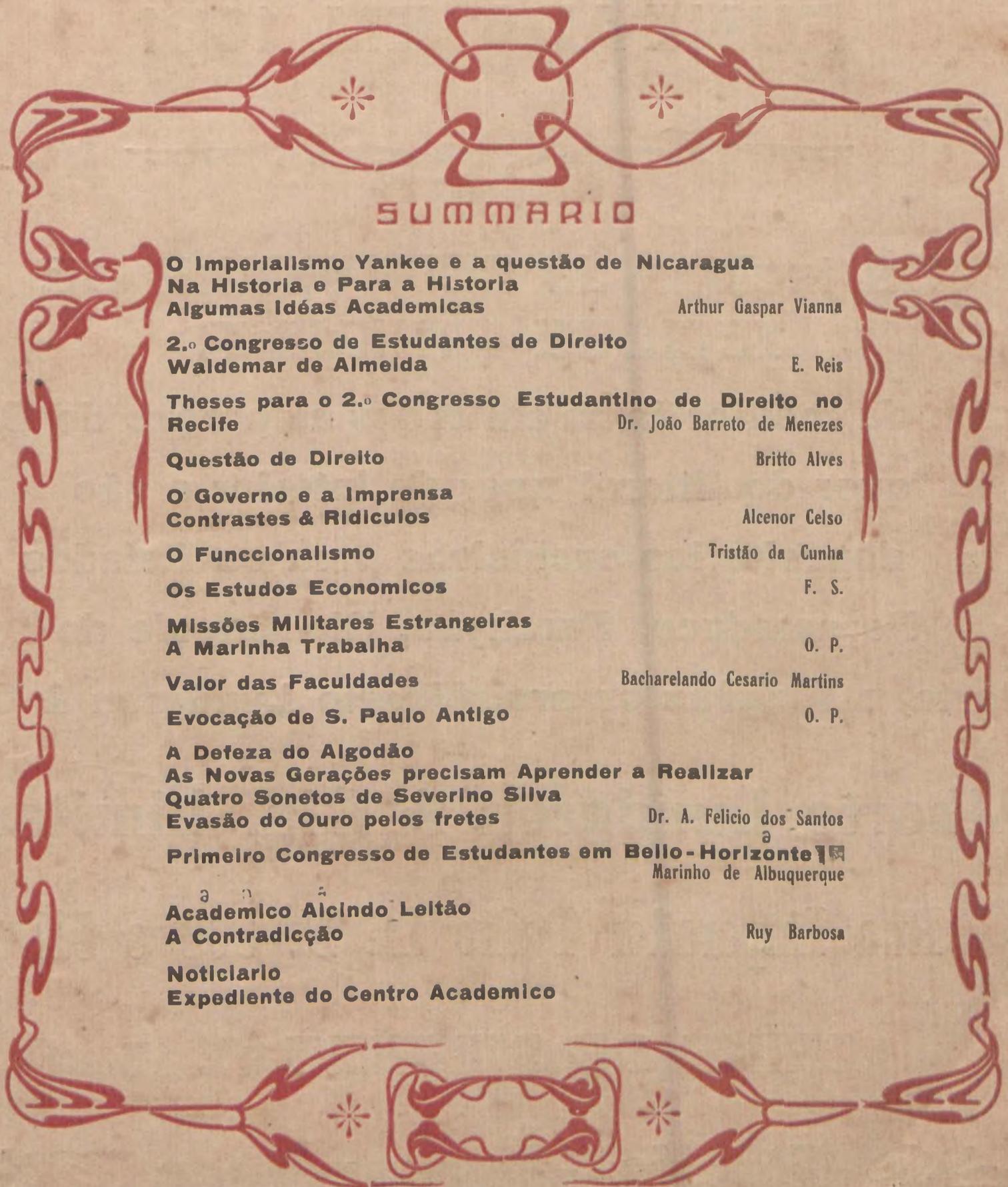
FEVEREIRO E MARÇO 1927

NUMEROS II E III

MENSARIO

DO

Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife



SUMMARIO

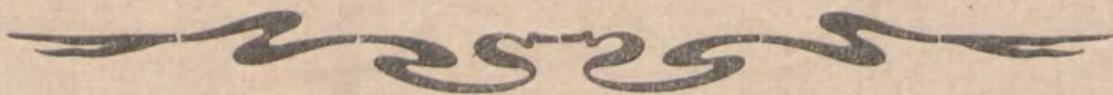
- O Imperialismo Yankee e a questão de Nicaragua
Na Historia e Para a Historia
Algumas Idéas Academicas** Arthur Gaspar Vianna
- 2.º Congresso de Estudantes de Direito
Waldemar de Almeida** E. Reis
- Theses para o 2.º Congresso Estudantino de Direito no
Recife** Dr. João Barreto de Menezes
- Questão de Direito** Britto Alves
- O Governo e a Imprensa
Contrastes & Ridiculos** Alcenor Celso
- O Funcionalismo** Tristão da Cunha
- Os Estudos Economicos** F. S.
- Missões Militares Estrangeiras
A Marinha Trabalha** O. P.
- Valor das Faculdades** Bacharelando Cesario Martins
- Evocação de S. Paulo Antigo** O. P.
- A Defesa do Algodão
As Novas Gerações precisam Aprender a Realizar
Quatro Sonetos de Severino Silva
Evasão do Ouro pelos fretes** Dr. A. Felicio dos Santos
a
- Primeiro Congresso de Estudantes em Bello-Horizonte** Marinho de Albuquerque
- Academico Alcindo Leitão
A Contradicção** Ruy Barbosa
- Noticiario
Expediente do Centro Academico**

Companhia de Tecidos

Paulista



FUNDADA EM 1891



Os tecidos da **COMPANHIA DE
TECIDOS PAULISTA**

**Gosam da melhor fama em todas as praças do Brasil
quer do littoral quer do interior e são
depositarios exclusivos para os Estados de
Pernamduco, Parahyba, Rio Grande do
Norte, e Alagôas os srs. Alberto Lundgren & Cia.**

Alberto Lundgren & Cia. Limitada

Rua Imperador Pedro II. N. 503 e 511

CAIXA DO CORREIO N. 15



Recife--Pernambuco



USINA MATARY

Pessôa, Maranhão & Cia.

Estação da Lagôa Secca — Municipio de Nazareth

Fundada em 1913. Capitalizada em Rs. 6.000.000\$000

RECEBE CANNAS DE MAIS DE 56 ENGENHOS

*Produção diaria: 650 saccoes de assucar
6000 litros de alcool*

*Produção annual: 100.000 saccoes de assucar de 60 kilos
400 000 litros de alcool*

TEM NO RECIFE ARMAZEM, CASA PARA SEUS EMPREGADOS
E ESCRIPTORIO PROPRIO.

Codigos Telegraphicos: Ribello e Bentley's

Endereço Telegraphico: MATARY. Caixa Postal 343

Rua São Jorge, 415 a 419 — RECIFE

Caixa Popular

O MAIOR CLUB DE SORTEIOS DO BRASIL.

Autorisado e Fiscalizado pelo Governo Federal

Séde: Ceará — Agencia em Recife: R. do Livramento, 7 I.º

O unico que distribue 50:000\$000 de premios integraes por 2\$000.

Resultado do sorteio de Janeiro de 1927:

(Realizado no dia 21, por ter sido feriado, no Rio, o dia 20)

Numero premiado na Loteria Federal 36657

3 premios de 5:000\$000 26657, 36657 e 46657	15:000\$000
5 premios de 2:000\$000 Cadernetas terminadas em 6658 (milhar)	10:000\$000
5 premios de 1:000\$000 Cadernetas terminadas em 6658 (milhar)	5:000\$000
50 premios de 200\$000 Cadernetas terminadas em 657 (centena)	10:000\$000
120 premios de 50\$000 Cadernetas que contiverem os algarismos do primeiro premio, collocados em qualquer ordem (inversões)	6:000\$000
500 izenções de 8\$000 (4 mezes) Cadernetas terminadas em 57 (dezena)	4:000\$000

PREMIOS PARA O ESTADO DE PERNAMBUCO

00657	Maria Rodrigues — Rio Branco	200\$000
07657	Amaro de Souza e Silva — Cabo	200\$000
12657	Alice Tercilia de Carvalho — Chã de Alegria	200\$000
36657	Abigail Cabral de Vasconcellos — Rio Branco	5:000\$000
18657	Major João Freire Rêgo Barros — Buique	200\$000
26607	José M. Temporal — Av. Beira Mar — Recife	50\$000

Lembramos aos nossos dignos prestamistas a conveniencia de pagarem as suas cadernetas nas agencias do interior do Estado até o dia 10, e na agencia de Recife até o dia 15, para evitar que as mesmas se atrazem, perdendo o direito aos premios com que forem contempladas.

Lembrem-se de que a Caixa Popular é o club que distribue maiores premios, mediante a modica mensalidade de 2\$000. Uma inscrição custa 2\$000.

HABILITEM-SE PARA O SORTEIO DE FEVEREIRO!

NÃO PERCAM TEMPO!

Para mais informações, dirijam-se ao agente geral, neste Estado,

Raimundo Barros Filho

BANCO DO POVO

Capital Rs. 1.000:000 \$ 000

Encarrega-se de cobranças em todos os Portos do Paiz e tem correspondentes especiaes em todas as cidades do interior do Estado de Pernambuco.

Faz empréstimos em contas correntes, desconta notas promissórias e duplicatas de facturas assignadas, acceita cauções de titulos publicos e hypothecarios e faz quaesquer outras operações bancarias

RUA IMPERADOR PEDRO II, N. 447

RECIFE - PERNAMBUCO

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS DE PERNAMBUCO

CAPITAL REALIZADO POR ACÇÕES:

5.400:000 \$ 000

Caixa Postal, 103 ————— Telephone, 486

Endereço Telegraphico: MEGODIUS

Codigos | A I
| A B C 5 th edition
| RIBEIRO
| BORGES

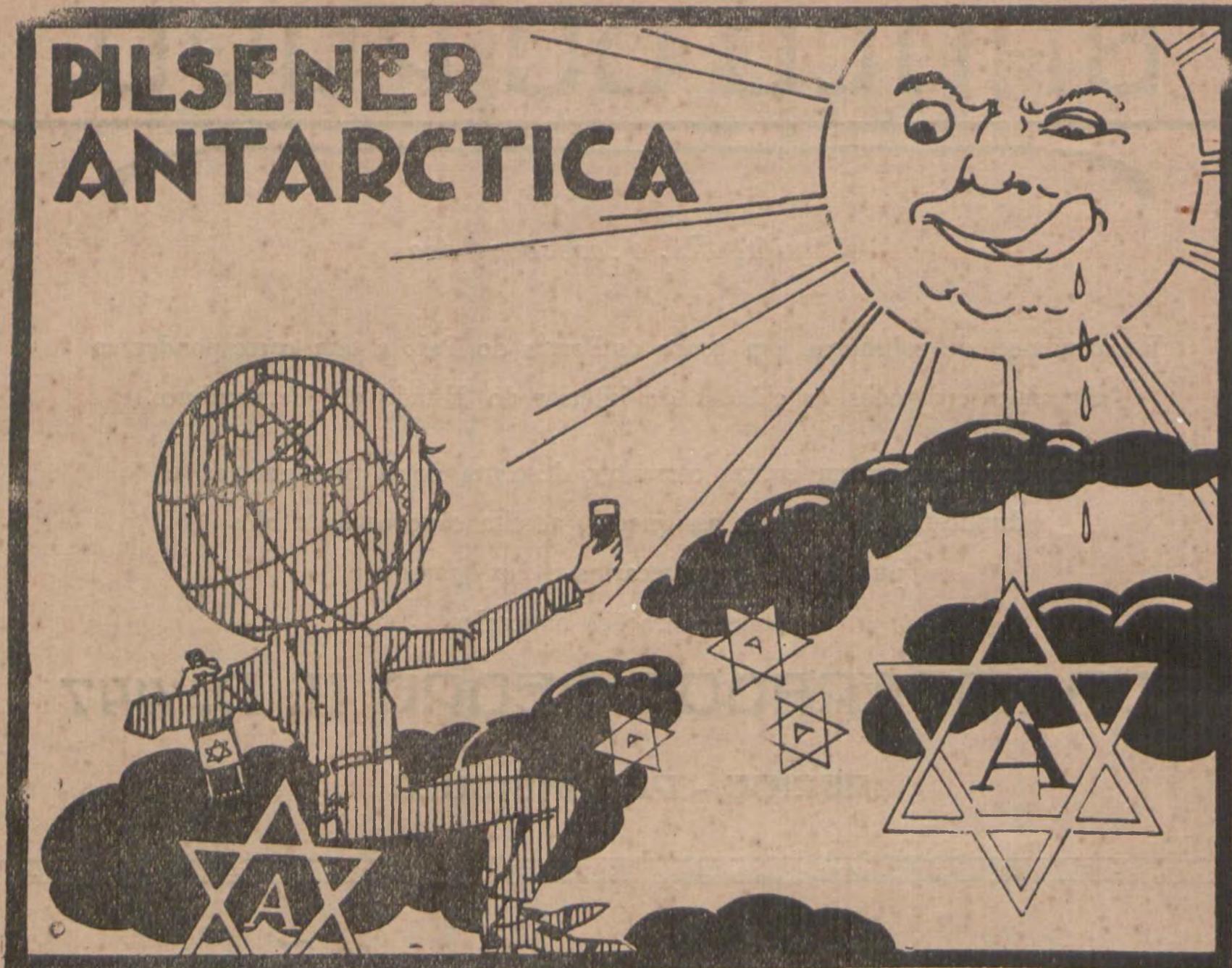
RUA DO IMPERADOR

RECIFE

PERNAMBUCO

3m/191

Estudantina



CERVEJAS

GUARANÁS

AGUAS

LICORES

GELADEIRA "PERFEITA"

Da Companhia Antartica Paulista

São preferidos pelos conhecedores em todo o Brasil.

O imperialismo Yankee e a questão de Nicaragua



De há muito que a politica americana, por uma esquesita interpretação da doutrina de Monroe, vem intervindo indebitamente nos negocios internos das pequenas republicas da America Central.

Pouco tempo faz que os marinheiros americanos desembarcaram em Puerto Cabello, procurando o almirante Latimer imprer á Nicaragua um presidente que o seu povo repudiava.

Mas, felizmente, essa explosão do imperialismo yankee não passou sem o protesto do mundo.

E é com prazer que registramos ter partido da mocidade estudantina o primeiro protesto contra a politica avassaladora que está illuminando a cupola do Capitolio.

Os estudantes latino-americanos, residentes em Paris, celebraram uma grande reunião levando á Nicaragua o conforto da sua solidariedade na dolorosa agonia que lhes impuzeram os banqueiros do mundo.

E toda a mocidade continental, agitada nos centros universitarios pela voz dos seus *leaders*, denunciou a politica machiavelica da Casa Branca, que se vem tornando o pesadelo do continente.

O sr. Coolidge tem pretendido fazer acreditar que os Estados Unidos intervieram em Nicaragua, desembarcando os seus marinheiros em Puerto Cabello, por dois motivos plausiveis:

1.º proteger a vida e os bens dos cidadãos americanos, residentes naquella republica da America Central;

2.º obediencia a um tratado firmado entre os Estados Unidos, Honduras e Nicaragua, pelo qual essas e outras nações da America Central se compromettem a não reconhecer presidentes irregularmente empossados.

Contra o primeiro motivo que determinou a intervenção em Nicaragua, se insurgiu o senador Borat, *leader* do partido democrata no senado americano.

Segundo o Senador Borat os cidadãos americanos nada soffreram com a revolução nicaraguense e era bem certo que nenhum mal viessem a soffrer com as agitações politicas daquelle paiz.

Aliás, o almirante Latimer não foi sómente á Nicaragua proteger com os seus marinheiros os cidadãos americanos. Elle levava poderes expressos para intervir na politica e dar mão forte ao presidente Diaz, contra o qual se haviam levantado as forças liberaes de Nicaragua.

Quanto ao que diz o presidente Coolidge, de obediencia a um tratado para legitimar a sua politica intervencionista, podemos argumentar com as palavras do

Senador Borat: "O sr. Diaz é incapaz de se manter siquer um dia no poder sem a presença dos marinheiros norte-americanos".

Isso quer dizer que Nicaragua reage contra o presidente que elle querem impor.

Os Estados Unidos se julgam com direito a uma zona de Nicaragua destinada á abertura de um novo canal, sendo essa uma das cousas da sua actual politica de intervenção.

Entretanto, esse pretendido direito dos Estados Unidos desaparecem porque Honduras e Costa Rica contestaram a validade do mesmo, baseando-se em accordos anteriores. E a questão foi submettida ao tribunal da America Central, que se pronunciou contra o tratado que dava aos yankees direito áquella zona.

Apesar disso, esse facto foi invocado pelo sr. Kellog como uma razão explicativa do desembarque das forças americanas em Puerto Cabello.

Vê-se, por ahi, que os Estados Unidos não têm procedido de boa fé negando até as decisões de um Tribunal que se oppôs ao seu imperialismo.

E necessario que toda a America reaja contra a politica de exploração, de invasão e de imperialismo commercial que a America do Norte quer acobertar entre as roupagens da doutrina de Monroe.

Esperamos, entretanto, que desta vez ainda os americanos recuem, como recuaram no momento em que pretendiam impor ao General Calles o desrespeito ás leis constitucionaes do Mexico, na celebre questão religiosa.

A mocidade continental deve trabalhar sem descanso para denunciar ao mundo a resurreição de Machiavel, que se installou na Casa Branca donde pretende dominar claus e imperios, reduzindo-os a vassallos do dollar, que é a melhor arma de que os yankees se servem para as suas tropelias intervencionistas.

Tenhamos cuidado com o futuro.

Hontem era o Mexico rebelde, que sempre luta desesperadamente para manter intactos os seus melindres nacionaes.

Hoje é Nicaragua, que soffre a agonia dolorosa da sua independencia garroteada pelos marinheiros do almirante Latimer.

Antes que chegue a nossa vez, denunciemos as manobras americanas, que levemente se esboçam, encobertas ainda por uma doutrina que se desacreditou e que falliu.

Na Historia e Para a Historia

Está de parabens a Faculdade de Direito do Recife e com a Faculdade de Direito a sua mocidade estudantina com a escolha feita pelos bacharelandos de 1927 da maior figura juridica nacional, o sr. Epitacio Pessoa, para homenageado.

Idéa feliz essa da escolha do grande brasileiro pela turma dos bacharéis da Faculdade quando o Brasil festeja o centenario da fundação dos cursos juridicos do Recife e S. Paulo.

Duplo merecimento, dupla justiça!

Actualmente, é, no Paiz, o sr. Epitacio Pessoa o maior juriconsulto e, depois, é uma gloria da nossa Faculdade, onde se formou e de quem é professor. Cedemos a Luis Moraes, do Rio, o qual em conceitos vibrantes disse da sua personalidade e do valor mental desse grande brasileiro, apreciado com justiça, mesmo no instante em que éra objecto de criticas de seus concidadãos: Depois de exercer as mais altas posições que o regimen poderia facultar aos expoentes, em qualquer dos ramos basicos: o legislativo, o judiciario e o executivo, continúa em missão da Patria, representando-a num tribunal de juristas seleccionados nas elites mundiaes e com uma função consignada em principios de maxima significação para a ordem internacional. Os contemporaneos desse brasileiro antecipam o julgamento que elle tem de merecer da historia confundindo e esterilizando, com a sua admiração vehemente, as investidas das matilhas que, nesta terra, gritam aos pés dos representantes do talento, da probidade e da coragem civica, que incarnaram o poder vetando as ambições do aulicismo e da caudilhagem.

No governo da Republica o sr. Epitacio Pessoa veio refundir e consolidar o conceito da autori-



dade, que as camarilhas domesticas, aproveitadoras de ensejos, tinham desmoralizado com a conveniencia dos mediocres, dos debeis arvorados em conductores pela ironica inadvertencia das democracias. Contra a reposição da justiça, da moralidade e da disciplina nas esferas da organização politica, insurgiram-se factores subalternos da opinião, reproduzindo o côro artificial de protestos que, inevitavelmente, envolve a actuação dos governos fortes. Nada obtiveram, porém, nos objectivos de infirmar o *verdictum* da consciencia nacional, os instrumentos da pol-

troneria epicurista e os agentes de interesses contrariados. Fóra do ambito de dominio, collocado na esteira da cidadania, onde os falsos valores, perdidos o encanto e a temibilidade das posições, cahem na trivialidade camararia e no desprestigio integral, Epitacio Pessoa permanece um nome singular do nosso patrimonio politico, uma força autonoma e eficiente, por que resulta de predicados e titulos que a abominavel versatibilidade do meio não pode destruir.

A natureza dos serviços que a sua presidencia prestou á Nação garantem, aliás, ao seu nome um culto que não poderá diminuir, porque nenhum homem publico no Brasil deu ainda aos seus compatriotas exemplos mais incisivos de respeito á verdade e de acatamento á opinião revidando com argumentos e documentos a abjuratoria forjada pelos Aretinos e pelos transfugas. Importa aferir o merecimento pela capacidade de acção. Epitacio Pessoa foi o primeiro chefe de Estado que não interrompeu, neste Paiz, a tensão dymnamica do patriotismo e da cultura pelo facto de encerrar o mandato presidencial. Ficou no scenario, ainda incandescente, das lutas e sucessos do seu memoravel periodo governamental, acceitando, não o esconderijo dos retiros reparadores, e sim o debate com os seus inimigos e os novos e marcantes serviços que a Republica teve a hombridade de confiar-lhe.

Afim de evitar irregularidades na permuta de revistas, jornaes e remessa de cartas, rogamos que as referidas revistas, cartas etc. sejam remettidas ao Director da "ESTUDANTINA"

Rua Velha N. 334. 1 Andar — Recife

Algumas Idéas Academicas

Arthur Gaspar Vianna

É com o maior desvanecimento que hoje publicamos este trabalho de Arthur Gaspar Vianna, o que pedimos venia para sua transcrição aqui, e que faz parte do nosso programma. Neste estudo se evidencia a psychologia da sua investigação historica verificando com perspicacia as cauzas determinantes de certos acontecimentos e a deturpação dos factos pelos nossos homens illustrados.

Não é mais necessario encarecer o valor de Arthur Gaspar Vianna, jornalista e critico carioca, dado o interessante do assumpto e a auctoridade de quem o firma. Apenas, para elle chamamos a attenção dos estudantes brasileiros.

Era do nosso desejo, logo após a mudança da Academia de Letras, da Praia da Lapa para a Avenida das Nações, tecer alguns commentarios ás idéas, á lingua e á oratoria dos nossos immortaes. Mas, as preocupações de final do anno nos impediram de tratar de assumpto tão interessante, pois sendo, como è, essa instituição de credito literario, filha elegantissima e subtil dos immortaes de França, grande curiosidade se nos apresenta, para sabermos o que pensam do espirito brasileiro esses filhos das letras francêsas.

Começamos pelo sr. Afranio Peixoto, auctor de varios romances e curioso de assumptos que não lhe deviam interessar. O auctor de «Fructa do Matto» é uma figurinha alourada e sympathica e quando fala inspira cuidados ao auditorio. Muitos admiradores da sua literatura frutescente têm medo que o artista estoure, como a cigarra entre o arvoredado, entre os pomos que começam a concentrar o rubor e o ouro do sol de estio.

Pois bem: o mesmo sr. Afranio foi quem presidiu a sessão solemne em que Mr. Conty entregou aos egregios literatos da Academia a dadiva da França ao expoente do nosso intellectualismo — o Petit Trianon.

Como a lhaneza e a distincção exigem, ao presidente da instituição recipiendaria cabia falar. E falou.

Em primeiro lugar disse que a definição d'estes quatro seculos de civilização americana «si uma formula resumida podessemos achar», seria que «buscamos uma tradição». Agora vejamos qual é que tradição atramana, ou melhor como se prova, o desejo inilludivel do tradicionalismo brasileiro.

D'esse modo: pela lingua e pela grammatica. Eis como o mestre explica o phenomeno: «Nós outros do Centro e Sul America andamos tambem a procura da nossa tradição; e como politicamente haviamos de romper com violencia contra os nossos illustres ascendentes, e nos envergonha-

vam os aborigenes e os adventicios, deixamos de parte a ethnographia e nos damos á cultura da lingua».

Em summa, para o sr. Afranio somos um povo sem nobreza, sem o sangue nobiliarchico a escorrer-nos pelos pulsos, nas refregas em que nos empenhamos. Pelo dictionario e pela grammatica é que conseguimos dar alguns abraços nos quinhentistas. E deante da «impassibilidade politica», como o sr. Afranio intitula, parece-me, a Monarchia, nós que buscamos a tradição pela grammatica, não supportamos, devido «á instabilidade ambiciosa e esperançada dos povos», a pasmeira, o marasmo o descanso politicos.

Queremos é actividade nos rotulos das organizações collectivas, pelas «elites».

Nesse pedaço do discurso academico, visionei a Academia metamorphosando-se na «Revista da Lingua Portuguesa» do sr. Laudelino Freire, tambem irmão da opa. A energia do vocabulo é a expressão que mais se coaduna á nossa Academia. E foi por esse motivo que o livrophobo Laudelino para lá entrou, porque elle è o expoente da energia do vocabulo. É o alfabeto inteiro, em continuas transmutações, desde o gothico das illuminuras quinhentistas ao «italico» das rotativas de hoje. Temos a impressão ao vermos esse illustre immortal, de um conjunto de sons e letras, na sua energia vocabular. Ou quando muito, para o vulgo de um devorador d'aquellas sopas, cujo macarrão é moldado em alfabeto. D'ahi o segredo da entrada do sr. Laudelino Freire para a Academia — o expoente da tradição grammatical, classificada pelo sr. Afranio, na memoravel sessão de 15 de dezembro de 1923. Até ahi está confirmada a theoria dos expoentes.

Mas, não é nada ainda; auctor da «Fructa do Matto» tem essa tirada de máo gosto, citando Bourget, sobre a ordem na Europa e os seus tres sustentaculos: em moral o Vaticano,

em politica a Camara dos Lords, nas letras a Academia Francêsa: «Onde no Brasil, uma instituição restricta e, portanto, aristocratica, vitalicia e immortal? Só a Academia Brasileira».

E a fada serena e illuminada, eterna e magica, encantadora e pura que hoje já conta 27 annos, atravessará os seculos folheando uma grammatica, com o sr. Humberto de Campos á sirga do seu barco de ouro e flamma e dando «amparo á ordem, á auctoridade», em companhia do sr. Dantas Barreto. Julgavamos que a fidel depositaria da tradição dos povos latinos seria a Egreja; mas não: para o sr. Afranio é a Academia com a sua grammatica.

Passemos para o discurso do outro academico. É o sr. Ministro João Luis Alves, que falou não só em nome dos immortaes, como tambem do Governo da Republica.

Para o sr. João Luis o espirito brasileiro evoluiu ao influxo das idéas da França heretica ou da França revolucionaria. Seria, portanto, para nós francêsas. De maneira que nada fizemos e nada temos que não fosse ou na opinião do sr. João Luis, muito agradavel supportar a Reforma e a Revolução.

«Desde a sua infancia sentiu o Brasil o influxo desse prestigio. Não esqueceu elle as tentativas da França Antartica, e ainda alli, em frente d'este edificio, está: a fortaleza de Willegaignon, perpetuando, no nome, a audacia e a coragem francêsa, embóra a germinar, no subconsciente dos nossos antepassados, para repellir o que os historiadores denominavam invasão, affirmando o desejo de constituirmos uma nação latina, soberana e livre, como chegamos a fazel-o em 1822».

«Na acção dos encyclopedistas e no grande movimeto social e politico de 1789 estão as raizes dos acontecimentos historicos através dos quaes chegamos á Republica em 1889, passando em 1882, pela independencia, cujo centenario esta casa commemora, como um coroamento de proficua e nobre influencia do genio francês em minha Patria». Ora, justamente o que o sr. Afranio chama de «instabilidade ambiciosa e esperançada dos povos», o occupante da cadeira Pedro Lessa, diz ser entre nós influencia revolucionaria. No fundo, os dous illustres academicos afinam pela mesma tecla.

Ora, esse espirito francês, como a-

cabamos de ver, através da palavra ministerial do sr. João Luis, é para outro academico, o sr. Murat, «reacção e protesto».

«Protesto e reacção contra o imperador de fabrico hereditario; depois, contra o imperador de fabrico militar.

Contra o sceptro, o dogma, o sabre — o direito, a lei, a consciencia livre a imprensa livre, etc...»

Agora ficamos entre a Academia de Letras, puramente francêsa na sua origem e conservadora, como diz o sr. Afranio, e o espirito francês de «reacção e protesto» segundo o sr. Murat.

Nunca vi tamanho contrasenso. Si a Academia Francêsa, como quer o sr. Bourget, é um elemento de ordem na velha Europa, sustentaculo das letras, e, portanto, uma força de conservação, que conservará ella?

É claro que o espirito francês de «reacção e protesto».

Fez bem o Governo francês em presentear os nossos immortaes com o «Petit Trianon», tão bem collocado na Avenida das Nações, com frente para o mar, circundado por uma paisagem magnifica e sob um céu quasi sempre limpido e azulado. Fez bem o Governo francês, porque para os guardas da nossa tradição grammatical, não haveria casa mais bem adequada, como a copia do «Petit Trianon», pois, elle symboliza bem o pensamento e as idéas academicas na sua «architectura do seculo XVIII, epocha da Razão Pura».

Ahi estão algumas idéas academicas dignas de registro para os que se preocupam com o movimonto intellectual na colmeia d'esse Hymetto de nossa sabedoria, d'onde mana o mel precioso e puro do pensamento revolucionario, a que nós filhos da Igreja, estamos acostumados a repudiar.

2º Congresso de Estudantes de Direito

No proximo numero desta revista, a appa-
reçer no mez de abril proximo, publica-
remos uma detalhada reportagem sobre o 2.
Congresso Brasileiro de Estudantes de Di-
reito, que se realizará este anno no Recife
em commemoração ao 1. centenario da fun-
dação dos cursos juridicos no Brasil.

Assim, publicaremos os convites que vão
ser dirigidos a todas as Faculdades de Direi-
to do Paiz, que participarão do grande cer-
tame do mês de agosto.

O programma das theses que vão ser de-
fendidas, a proposta de regimento interno,
etc, etc, occuparão as paginas do proximo nu-
mero da «Estudantina»; dando aos leitores
uma idéa nitida do que será a assembléa dos
representantes da mocidade juridica do Brasil.

Reservamos, no programma das theses, uma
parte destinada a assumptos sociologicos e
politicos. Os problemas mais interessantes da
actualidade, a complexidade das relações eco-

Waldemar de Almeida



Um dia — já lá vão annos —
foi publicada em Natal uma interes-
sante composição que poz em relevo o
nome do seu infantil autor.

Waldemar de Almeida gravara
no papel as notas da sua inspiração:
o successo obtido estimulou a familia
da criança artista que, mezes depois,
era matriculada no Conservatorio de
Musica do Rio de Janeiro.

Tornou-se logo o discipulo que-
rido do professor Gallet e, em poucos
annos, obteve a admiração de seus
collegas.

Em proximidades de concluir o
8o anno, foi ferido por uma dessas
injustiças de classificação, infelizmente
tão frequentes em nosso Paiz.

Alma sensível em extremo. Wal-
demar procurou em Berlim ambientes
largos para o seu idéal; estudou com
Hauschild, celebre pianista e, tempos
depois, com o professor Forch do
Conservatorio; estudou em curso espe-
cial com este ultimo, o qual via nelle
um pianista de talento.

Era já discipulo admirado quan-
do a familia reclamou-o para descanso,
mas a alma heroica e artista de Wal-
demar não desfallecia e mezes depois
reiniciava os estudos em Pariz, e ahi,
na maravilhosa cidade da arte, obteve
elle a recompensa de seus esforços.

Atrahiu a attenção de artistas já
consagrados que o chamaram para o
seu círculo, e então conheceu, convi-
veu na intimidade com Flado Perlemut-
ter, Numa Rossotti, Mantilio Lyra,
Melle. Schawelson e outros.

Ultimamente conheceu e tornou-
se companheiro intimo de Souza Lima,
o admiravel pianista que aqui esteve
o anno passado.

E é este o melhor attestado do
valor de Waldemar de Almeida.

Passou, ha poucas semanas, por
esta cidade com destino á Natal onde
pretende se demorar algum tempo,
seguinto depois para o Rio.

Alli será ouvido uma noite com
raro esplendor, porque Waldemar é um
artista fino, elegante, e educadissimo.

O seu programma o provará e
inda mais e inteiramente o seu concerto.

E. Reis

nomicas, que mais realçaram depois da guer-
ra, o internacionalismo, a nova corrente doutri-
naria do Direito Publico, que o communis-
mo abalou nos seus fundamentos, tudo isso
será objecto de estudos do 2. Congresso Bra-
sileiro de Estudantes de Direito.

Como se verá melhor com a publicação das
theses que vão ser defendidas, sente-se que a
mocidade brasileira está agitada, é forteada
por idéas novas e se preocupa com os altos
problemas de ordem social, politica e econo-
mica que estão attrahindo a attenção do mun-
do.

O 2. Congresso Brasileiro de Estudantes de
Direito patenteará melhor o trabalho fecun-
do que a mocidade brasileira vem realizando,
sem fitas nem estardalhaços.

No proximo mez de agosto o Recife assis-
tirá os debates que se travarão no Congresso
de Estudantes que será, durante 15 dias, a
tribuna mais livre do Brasil.

—Em reunião havida no Salão 11 de
Agosto, da nossa Faculdade de Direito,
presidida pelo dr. Joaquim Pimenta,
o bacharelado Boulanger Uchôa,
presidente do Centro Academico, apre-
sentou os nomes dos estudantes
que constituiriam a Commisão Organi-
zadora do projectado Congresso.

Submettida a votação da assembléa,
foi approvada por grande maioria.

Dr Joaquim Pimenta, presidente da
Commisão Organizadora e do Con-
gresso.

Fernando Nobrega, Felipe Lacer-
da, Antonio Casado Lima, Fernando
Mendonça, Murillo Lemos, Octavio
Bastos, Torquato Castro, Antiogenes
Chaves, Arlindo Figueirêdo e Boulan-
ger Uchôa.

Viajantes

Chegados do visinho estado
nortista, encontram-se entre a clas-
se estudantina os bacharelados
Osias Gomes, Fernando Nobrega,
Synesio Guimarães, Demetrio To-
ledo, Lourival Lacerda, Ruy Car-
neiro, Abel Cavalcanti, Luis Ca-
valcanti, Clovis Satyro, Francisco
Porto, Salviano Leite, João Medei-
ros, Antonio Gabinio, Cicero Ara-
nha e Milton Ramires, que vieram
frequentar as aulas do quinto anno
juridico, de conformidade com o
decreto no. 5121 de 29 de dezem-
bro de 1926.

Academico Jenard Nobrega

Transcorrerreu no dia 18 do
corrente o aniversario natalicio do
estimado moço, Acad. Jenard No-
brega, filho do dr. Gouveia No-
brega, juiz substituto Federal em
Parahyba do Norte e alumno dos
mais distinctos do 4º anno me-
dico da Faculdade do Rio de
Janeiro.

Theses para o 2.º Congresso Estudantino de Direito no Recife

Na mais viva demonstração de uma mocidade cheia de vigor e de idéas pela conquista das verdades doutrinarias, está organizado o 2.º Congresso Brasileiro de Estudantes, em nossa Faculdade de Direito, o qual se vai reunir em breve para o conhecimento e discussão das theses formuladas.

Para commemorar a data de 11 de agosto proximo, idéa que tem sido o grande anhelo do actual director desse instituto de ensino, sr. dr. Manuel Netto Carneiro Campello, a quem se deve com justiça o geral sentimento de mestres e discipulos em torno dessa commemoração, data em que se effectivou a mais bella victoria da intellectualidade brasileira com a criação dos cursos juridicos, podendo-se mesmo dizer que o Estado do Brasil hodierno é um producto oriundo dessa victoria, o Congresso de Estudantes inclue em suas theses verdadeiras questões socio-juridicas que certamente não deixarão de alertar as intelligencias juvenis dos templos de Direito; chamando-as ao certamen que se vai realizar em a nossa Faculdade, como um legitimo e devido preito de homenagem a essa brilhantissima data da nossa historia.

As questões envolvidas nessas theses são assumptos de transcendencia e actualidade, muitas das quaes hão de dar o testemunho da cultura da nossa juventude estudantina, não deixando as demais questões de obedecer ao mesmo criterio, por ser a sociologia o vasto scenario em que se movimentam e se desenvolvem todas as instituições politicas e juridicas de qualquer nacionalidade.

Nem seria justo comprehender deixasse de haver como tributo á passagem do centenario de 11 de agosto uma eloquentes revelação das aptidões mentaes da mocidade brasileira, si não mesmo com esse Congresso Estudantino a que hão de comparecer os demais representantes das escolas superiores do Paiz, afim de discutirem as questões apresentadas ou então ao mesmo dirigir as que forem discutidas, quando por quaesquer motivos de ordem superior não puderem assistir nessa data ao acto solemne da installação do Congresso.

Em a sua sessão inicial foi aclamado presidente o sr. dr. Joaquim Pimenta, uma de nossas mais evidentes afirmações de sociologista, ante o copioso repositório de trabalhos sociologicos com que se tem revelado profundo observador no campo dos phenomenos sociaes.

A commissão constituida para os ensaios de organização desse certamen compõe-se dos seguintes estudantes:

Fernando Nobrega, Felipe Lacerda, Antonio Casado Lima, Murillo Lemos, Fernando Mendonça, Arlindo Figueirêdo, Boulanger Uchôa, Torquato Castro, Antiogenes Chaves e Octavio Bastos.

As theses que aquelle professor elaborou para ser discutidas nesse certamen academico são as seguintes:

1.º

Deve o ensino da sociologia figurar entre as disciplinas do curso de humanidades, ou ser ministrado nos cursos universitarios?

2.º

São irreconciliaveis a concepção individualista e a concepção collectivista do Direito?

3.º

Dentre as duas formulas doutrinarias de organização politica das sciencias humanas, qual a preferivel: a democracia por suffragio popular ou a de-

mocracia pela representação funcional de classes?

4.ª

Podem o fascismo e o communismo resolver, cada qual de per si, os multiplos problemas da politica social contemporanea?

5.ª

Serão os phenomenos sociaes, particularmente os juridicos e politicos, simples superestructuras do phenomeno economico, ou entre estes e aquelles existem relações de intima interdependencia?

6.ª

Será difinitivo, na evolução sociologica dos povos, o regimen da propriedade privada, ou virá a modificar-se, si não a substituir-se por outra, a sua actual estrutura juridica?

7.ª

Que papel representam na estatistica criminal os factores sociologicos; quaes os que preponderam e que processos se devem por em pratica para neutralisal-os, si não para lhes restringir o campo de acção?

8.º

É admissivel a responsabilidade civil do Estado por actos de poder publico? No caso affirmativo, até onde poderá estender-se esta responsabilidade?

9.º

Pode o damno moral, qualquer que elle seja, dar direito a indemnizações em favor das victimas e de seus herdeiros?

10.ª

Ha um direito sobre o cadaver? No caso affirmativo, é um direito real ou simplesmente pessoal? Em uma ou outra hypotese, que restricções poderá sofrer esse direito?

11.ª

Em que differe o principio novo, formulado por Wilson — O DIREITO DE CADA POVO DE DISPOR DE SI MESMO — do antigo PRINCIPIO DAS NACIONALIDADES, e como se concilia aquelle com a Sociedade das Nações?

12.ª

Qual tem sido a funcção historica dos cursos juridicos na evolução politico - social do Brasil?

Não é possivel distinguir de todas essas questões qual a de maior utilidade para o estudo dos moços, nem qual dellas pode acaso despertar-lhes maior interesse, no penetrarem o amago da sociologia juridica para trazerem á tona a explicação victoriosa da doutrina.

Mas, a ultima dessas questões é a que nos parece mais palpitante de entusiasmo para os moços estudantes de Direito, pois, a estes é que justamente cabe a nobre missão de mostrar a actuação dos cursos juridicos nos varios aspectos evolucionaes da historia da Patria.

Questão de Direito

QUESTIONARIO

Um individuo penetra, à noite, em uma casa vazia, que acabava de ser concertada e pintada, passando a noite.

Sendo intimado pelo proprietario, no dia immediato, a desoccupal-a, obedece, tendo, antes, porem, damnificado o predio em diversas partes.

A policia, mediante representação do proprietario, faz diligencias que foram remetidas para juizo e o dr. promotor publico firmado nellas, denunciou o individuo, como incurso nas penas dos arts. 196 e 329, do Codigo Penal.

O denunciado foi pronunciado, estando o processo prompto para ser julgado.

PERGUNTA:

E' procedente a denuncia do dr. Promotor Publico?

RESPOSTA:

Sou de parecer que não.

No conceito constitucional (Constituição Federal, art. 72, § 11) e penal (Cod. Pen. arts. 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202 e 203) a palavra "casa" não está encarada sob o aspecto de garantia à propriedade, assumpto regulado pelas disposições de Direito Civil.

"Casa" é o immovel occupado, arrendado; é a habitação.

A lei penal não visa o proprietario, vê, somente, o inquilino, o morador, (Carrara, Lombardi, Tuozzi, Florian, Nipels et Servais, Bento Faria).

Ora, a casa em que o denunciado pernottou, estava vazia e sem alugel e casa vazia não está habitada.

Representava uma propriedade.

A casa como "asylo inviolavel" é a que está servindo de moradia, e, tanto é assim, que não é punivel a entrada com o consentimento do morador", presente ou ausente.

A denuncia confundiu — "proprietario" com "morador".

Proprietario é o que tem titulo de dominio sobre a casa, e morador aquelle que a occupa.

São personalidades de natureza diferente e com direitos e deveres diferentes.

O proprietario que residir em seu predio não poderá invocar a repressão do art. 196 do Codigo Penal em caracter de proprietario, e sim sob a simples característica de morador.

No caso da denuncia, mesmo que o proprietario não desse consentimento ou prohibisse a entrada na casa em questão, o denunciado nunca poderia ficar incurso no art. 196 uma vez que a negativa de consentimento da prohibição de entrada não foi feita por "quem nella morava", segundo a propria expressão da lei.

Bento Faria, "Anotações Theorico — Practicas do Codigo Penal do Brasil" 2.^a edição. pagns. 198 e 199. vol. 2., citando Florian, Crivellari e Garrand, escreve: — "Do que temos visto se infere que não pratica violação de domicilio quem penetra em uma casa desoccupada, não alugada, embora sem consentimento ou contra a vontade do respectivo proprietario. A entrada na casa alheia ou suas dependencias só é punivel quando se verifica contra a vontade do mesmo morador, pouco importando que o agente tenha o consentimento ou permissão do respectivo proprietario."

—oço—

Vejamos a parte da denuncia referente ao art. 329,

Não consta dos autos, auto de flagrante, delicto contra o denunciado.

O GOVERNO E A IMPRENSA

De um inédito de Ruy Barbosa, só agora dado a lume, consta este pedacinho:

Todos os regimens que descaem para o absolutismo, vão entrando logo a contrahir amizades suspeitas entre os jornaes.

Bem se sabe, por exemplo, o que, a tal respeito, foi o Imperio de Napoleão III. Mas, na Allemanha, debaixo da influencia bismarkina, e que se requintou em proporções desmedidas e com inconcebivel generalidade, essa annexação da publicidade ao Governo.

Hoje, essa annexação ja se tornou de praxe, ou, pelo menos, tão commum, que a negação de dinheiro a um jornal constitue decepção e provoca lucta certa. Entre nós, decahiu o regimen e decahiu a imprensa.

A subvenção aos jornaes, apesar de escandalosa, em principio, já é indispensavel aos governos, porque elles sabem que a imprensa industrial (a industria da imprensa) se divide, em geral e com excepções, em duas categorias: a que vai frequentemente buscar inspiração no Thesouro situacionista; e a para a qual o Thesouro está fechado, a opposicionista.

Um collaborador duma folha relatou durante a ultima campanha presidencial, um episodio que exemplifica bem este asserto.

O director de um dos jornaes que faziam a mais tenaz campanha contra o candidato victorioso respondeu a uma pessoa que lhe pedira os mo-

O Codigo Penal prohibiu em o n.º 1.º do § 2.º do art. 407, ao Ministerio Publico denunciar em "crimes de furto e damno, não tendo havido prisão em flagrante".

A lei n.º 628, de 28 de outubro de 1899, ampliando a acção da Justiça Publica, deu ao Ministerio Publico a faculdade de denunciar em crime de "Damnos em cousas do dominio ou uso publico da União, dos Estados e municipios, ou em livros de notas, registros, assentamentos e actas e termos, autos e actos originaes de auctoridade publica".

Ora, o damno attribuido ao denunciado e catalogado no ar. 329, é sobre cousa do dominio privado.

O damnificador só poderia ser denunciado si tivesse sido preso em flagrante delicto.

Assim, só poderia ser processado por queixa promovida particularmente pela parte offendida e nunca por denuncia.

Eis, porque, penso que é improcedente a denuncia, cabendo ao denunciado usar do recurso conveniente á defeza e garantia dos seus direitos.

BRITTO ALVES.

tivos de tão forte opposição: « Ora! Elle não me deu a importancia que eu lhe pedi para fazer com elle a campanha: então, faço-a contra elle. »

É devido a isso que os nossos jornaes ou são systematicamente situacionistas ou systematicamente opposicionistas.

É, francamente, a cousa chegou a tal ponto, que o Governo tem mesmo de fretar alguns jornaes. Isso tem muitos inconvenientes. Além de ser um desviamento de dinheiro para uma verba illegal, os madrigaes das folhas compradas tem efeitos máos sobre os dirigentes, porque as cousas agradaveis que ouvimos sempre nos lisongeiam e sempre cremos nellas, mesmo que sejam pronunciadas por um phonographo inspirado por nós mesmos.

Dahi o se julgarem optimos e benemeritos os mais desastrados governos.

Mas, si não houvesse ao menos alguns desses jornaes, pagos para apoiar o Governo? Todos seriam contra elle, que acabaria repudiado pelo povo e impossibilitado de fazer qualquer cousa, por faltar-lhe o apoio indispensavel aos governos das democracias: o apoio do povo.

Parece, pois, que a annexação da publicidade ao Governo já constitue uma verruga para a nossa Republica é uma excrecencia feia e escandalosa, mas, si fosse arrancada, seria peor ainda.

CONTRASTES & RIDICULOS

A mocidade é a esperança da patria...

Já se tornou um logar commum o apello que fazem os nossos anciãos á mocidade hodierna para regenerar a Patria.

Na mocidade, cheia de sonhos e idéaes, reside a esperança da Patria, já se tem dito, muito em todos os tempos e logares.

O que, porém, deixa a nós, moços, perplexos é que esses mesmos velhos que apellam para a mocidade, se esquecem de que a Patria já esperou tambem delles, quando moços, o que espera hoje de nós. E, assim, como os antepassados legaram a estes a obra do soerguimento moral e politico do Paiz, estes se desobrigaram do encargo e nos incumbiram de tão ardua tarefa, que nós, para não desmancharmos a ordem natural das cousas, havemos de legar aos posteros.

Paciente Patria! As mocidades se renovam, e continuas, resignada e confiante aguardando um futuro prospero e grande que todos vaticinam.

**

Porvir prospero e risonho...

Houve quem dissesse, não me lembro quem, que existem instituições que vivem pelo passado, outras pelo presente e ainda outras pelo futuro.

O mesmo se dá com as nações.

O Brasil, por exemplo, pertence a terceira classe. Vive pelo futuro.

Todos são unânimes em predizer que o Brasil, pela sua extensão territorial, pela sua riqueza natural está destinado a ser uma das primeiras nações da civilização porvindoura.

Todos já se convenceram disso.

É uma afirmação que ninguém ousa refutar.

É interessante é que, ao caminhar dos tempos, esta época risonha e feliz, qual a miragem fugidia do deserto, está sempre a se afastar.

Todavia, esse retardamento não é para desesperar.

O futuro é grande demais...

**

Monumento a Mauricio de Nassau

Já cogitaram da erecção de um monumento a Mauricio de Nassau.

Assim com já prestamos uma cordialissima homenagem á França, decretando feriado nacional a data tão genuinamente francesa da Tomada da Bastilha, devemos como prova de devida consideração ao povo hollandês erigir um monumento a um heroe daquella terra - Mauricio de Nassau.

Uma ponte não basta.

É, nesta epoca, que se constroe a a estilo colonial, eu pensei no melhor modo de testemunhar a nossa grande affeição a Hollanda.

Façamos uma praça cheia de casas a estilo hollandês, jardim a hollandês, canteiros a hollandês e ponhamos no meio desta praça caracteristicamente hollandêsa a estatua do hollandês Mauricio de Nassau.

É se pretendemos assignalar a passagem de todos os povos que vieram passear nesta terra brasileira, teremos de, em breve, construir uma outra praça analoga a estilo francês e no meio, bem no centro, collocaremos a estatua de Villegaignon ou de Duguay Trouin.

É tempo virá que seremos o povo mais bemquisto no planeta. Tantas provas de amizade são para serem correspondidas.

Somos incontestavelmente um povo cortez e civilizado.

Alcenor Celso

O FUNCIONAGISMO

O Governo acaba de nomear uma comissão extra-parlamentar incumbida de examinar a proposta orçamentaria e propôr os côrtes que lhe pareçam possíveis, no sentido de equilibrar-se o orçamento para o proximo exercicio.

Essa comissão vai certamente volver as suas vistas para o functionalismo que em um orçamento de cerca de um milhão já absorve perto de seiscentos mil contos annuaes!

A clientella politica transformou assim a administração do Paiz em um viveiro de funcionarios, na maioria pessimamente remunerados.

O mal não é de agora. Já em 1828 ha quasi cem annos atraz, o conselheiro Miguel Calmon, depois Marquês de Abrantes, dava como um dos males da administração, essa multidão de funcionarios mesquinamente pagos.

Em 1833, o Conselheiro Araujo Vianna, ministro da Fazenda, chamava a «atenção do parlamento para o que dizia respeito aos funcionarios em actividade e aos pensionistas e aposentados», assumpto em que o abuso vai sendo pesado aos cofres publicos.

O Visconde de Ouro Preto, em seu relatorio, quando ministro da Fazenda, em 1873, depois de declarar urgente uma reforma geral nos serviços publicos, acrescentava:

«O systema do expediente e as praticas adoptadas parecem ter sido inventadas para augmentar serviços que justifiquem a creação de empregos inuteis. Poder-se-ia dizer que o intuito dessa multiplicidade de secretarias, directorias, recebedorias, etc. que tanto pesam sobre o orçamento, é crear empregos, visto que o mesmo trabalho é feito por mais de um empregado sem algum proveito.

Crea-se um empregado e logo outro para fiscaliza-lo e ainda mais um terceiro, para fiscal deste que por sua vez está subordinado a um director chefe de secção, o qual é pessoalmente sujeito ao inspector ou director geral.

Disso resulta: 1.º, que o mais insignificante negocio é resolvido com demora prejudicial ás partes e ao Estado; 2.º, que pesa todo o trabalho sobre poucos empregados, zelosos e diligentes, enquanto grande numero folga ou limita-se a reproduzir o trabalho já feito; 3.º, que divide-se a responsabilidade e consequentemente nullifica-se, pois que é sabido que uns descansam nos outros, quando o pessoal é demasiado; 4.º, que por via

de regra o serviço acha-se atrasado em todas as repartições, em consequencia de complicações excusadas e formalidades imprestaveis, que dificultam e obscurecem o que é claro e simples».

E concluia: Pague-se bem ao empregado mas exija-se que trabalhe tanto quanto os de profissão identica na ordem privada; confie-se nelle emquanto não incorrer em falta; haja rigor inflexivel na punição do abuso e louve-se e premie-se o que se distinguir; acabem-se as praticas obsoletas e as formalidades vans. Assim se obterá o triplice resultado de melhor serviço, pessoal menos numeroso e despesa reduzida».

Essas considerações do grande estadista do Imperio, feitas ha cerca de cincoenta annos atraz, têm toda actualidade neste momento, pois o mal de então para cá só tem feito progredir á medida que vai crescendo o numero de protectores e protegidos.

Chegamos, assim, a essa situação insustentavel: quasi dous terços da receita publica absorvidos pelo pessoal activo e inactivo e mais de um terço empenhado no pagamento de juros da divida interna e externa! É o functionalismo a querer augmento de vencimentos!

En uma tal situação ha ainda quem pense que o Governo deve poupar o functionalismo e que seria uma monstruosidade atirar á miseria as familias dos funcionarios.

Estamos metidos nesse circulo vicioso do qual é mister que saia nos de um modo ou de outro.

O excesso de funcionarios, pesando sobre o orçamento, desequilibra-o; emitta-se papel para cobrir o deficit; as emissões diminuem o poder acquisitivo da moeda e encarecem as subsistencias; o funcionarios pedem augmento de vencimentos: o Governo, para evitar barulho, concede o augmento: avulta então o deficit orçamentario; mais papel para cobri-lo e a vida encarece mais...

Ora, essa situação não pode durar eternamente e quanto mais tardar a extirpação do mal, mais difficil e penosa será a operação.

Convém, pois, que se não perca a oportunidade que se offerece de cortar-se o mal pela raiz, deixando-se pesar a responsabilidade sobre a comissão de côrtes, que não sendo constituida de politicos, pôde, sem grande risco, arcar com a difficil e patriótica tarefa que a fará, mais tarde, credora da benemerencia de todos.

TRISTÃO DA CUNHA.

** Visitou-nos, nesta semana, enviado pelo joven poeta Annibal Portella; seu correspondente nesta cidade, o numero 38 da «A Tribuna», brilhante quinquenario paraense.

OS ESTUDOS ECONOMICOS

Ha uma grande lacuna na nossa organização politica social: a falta de um instituto de estudo da nossa situação economica e dos varios problemas que se prendem ao desenvolvimento da produção nacional e á valorização della, ao commercio e ao intercambio com os outros paizes.

Dirão que temos cathedras de economia politica em diversos institutos de ensino superior. Não é, porém, á sciencia livresca, ao ensino magisterial que nos referimos. Nas academias, nos tratados respectivos ensina-se a theoria da produção, da circulação e da distribuição das riquezas segundo as diversas escolas classicas.

Mas, ainda quando não houvesse tamanha divergencia nos assumptos economicos a ponto de negarem muitos estudiosos que seja a economia politica uma sciencia, ainda quando tivesse ella principios definidos, incontestaveis, não passaria de uma seriação de noções abstractas, incapazes de reger com segurança factos concretos universaes.

Basta ver quanto têm variado até á diametral opposição, seus principios, desde que se os applicam a este ou aquelle paiz, á esta ou áquella contingencia: — Liberdade absoluta de commercio e livre cambio — Systema proteccionista — Systema prohibitivo — Iniciativa particular. — Monopolio do Estado. — Individualismo. — Sociologia, etc.

Daqui resulta que, apoiados em principios economicos, cada paiz proclama ou executa o que mais lhe convém.

È não pode ser de outra sorte, porque os Estados modernos não são republicas de Platão, regidos por principios pre-estabelecidos por uma philosophia abstracta, mas, sim, aggregados humanos em busca de interesses materiaes repectivos. Só universaes, regendo egualmente a todos, são os principios da moral, contra os quaes não podem prevalecer os interesses de cada qual — individuo ou nações.

Isso posto, cada paiz, em vez de subordinar-se á economia abstracta e cosmopolita, como a que pré-gavam Adam Smith, Bastiat e tantos outros, deve adoptar uma economia nacional e pratica. Cada povo deve ter uma organização typica baseada nas contingencias dos seus interesses para não ser explorado pelos que lhe vêm pré-gar doutrinas seductoras mas só lucrativas a taes missionarios.

E, pois, o que carecemos estudar

são as nossas necessidades economicas na actualidade, e não theorias abstractas.

Desses estudos, continuados com perseverança, acompanhando os phenomenos economicos concretos e as relações internacionaes para firmar um intercambio util, e de modo a incrementar e variar a nossa produção e defender o seu valor contra a ganancia dos intermediarios, desses estudos, digo, é que precisamos. Não convem sejam elles lucubrações individuaes, isoladas, mais concatenadas, agrupadas, methodizadas, o que só é possivel em instituto *ad hoc*, composto de patriotas dedicados, desinteressados, independentes, não influenciados pela atmospheria do cosmopolitismo commercial que nos tem avassallado e sugado o trabalho nacional até agora.

È da defesa nacional que se ha de tratar. O conflicto é gravissimo, não ha duvida, e não ha de ser como livres--atiradores que havemos de combater: ha de ser com phalange organizada e disciplinada.

Precisamos de unidade de vistas, desde que se firme pelo estudo e discussão o que convem ao nosso povo.

Não esqueçamos que é contra a unidade nacional a conspiração de uma parte importantissima dos nossos exploradores, naturalmente oppositos á escola economica catholica.

È tão importante essa organização nacional economica que quasi todos os paizes tem institutos officiaes ou semi-officiaes para mantel-a.

È dessas instituições se utilizam como órgão consultivos.

Nasináuditas, tremendas circunstancias em que se achou a Allemanha logo depois da guerra, lobrigando as difficuldades economicas e financeiras consecutivas á sua derrota, os seus estadistas comprehenderam o valor de um instituto especial de estudos economicos applicaveis á restauração da infeliz nação.

Em 30 de janeiro de 1920 foi creado o *Reichswirtschaftsrat*. (Conselho Economico do Imperio), que funcçãoa prestantissimamente e merece o applauso de toda a imprensa alleman.

Voltou assim á voga uma idéa de Bismark quando se agitou o mesmo grave problema que se debate hoje em todos os paizes, e até na Inglaterra, a passagem do livre cambio ac proteccionismo.

Aqui, si o Governo, tão bem inspirado, do sr. Washington Luis, comprehender a necessidade urgente de

crear um instituto analogo, pode contar com a opposição da imprensa porque a nossa não é nacional, como a da Allemanha.

Toda ella precisa de *habeas corpus* para defender a Patria...

F. S.

MISSÕES MILITARES ESTRANGEIRAS

Foi um erro do Governo Federal contratar missões estrangeiras para instructores do nosso Exercito e Marinha.

Foram cousas dessas que se resolvem precipitadamente, por espirito de fascinação ao que é estrangeiro e talvez para impor o respeito aos vizinhos.

Si o que tinha em vista era a instrução technica das nossas forças militares, o mesmo se conseguiria, e sem inconvenientes obvios, mandando officiaes do Exercito aperfeiçoarem-se na Europa e officiaes da Marinha na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Japão, e uns e outros na Allemanha, na Italia ou Hespanha. Viriam esses brasileiros habilitados para muito mais sympathicamente instruir os nossos soldados e marinheiros patricios. Poderiamos ter assim elementos para comparação entre a nossa instrução militar e a dos paizes adiantados.

Pelo systema adoptado erradamente pelo Governo, só aos instructores estrangeiros é que será permittido esse confronto, e nós só olharemos com os olhos delles, e pensaremos com o cerebro de taes mestres francêses e americanos, que ficaram, aliás, conhecendo bem os nossos pontos fracos e, como tem acontecido com outros famosos contratados pelo Governo, podem se tornar detractores e contra-propagandistas do Brasil.

Vêm para cá esses estrangeiros ignorando completamente a lingua, os habitos, a indole, a psychologia dos nossos soldados e do povo: que podem elles bem ensinar?

Esse americano, almirante Volgesang *poderá e quererá* nos ensinar uma boa defesa naval em caso de aggressão dos Estados Unidos contra nós? Certamente não, seria falta de patriotismo. Voltará para a sua Patria conhecendo bem os nossos pontos vulneraveis.

Mas, alem de impatriotica, imprevidente e até humilhante para nós, a idéa de taes missões é tambem onerosissima. O cavallo do general Gameelin custa-nos tanto como um coronel do nosso Exercito. Um sargento da missão francêsa tem os vencimentos

A MARINHA TRABALHA

As recentes manobras da esquadra na bahia da Ilha Grande terminaram nas vespéras da posse do novo governo, com o regresso das unidades que as realizaram ao ancoradouro do Rio, justamente para que o respectivo pessoal pudesse assistir á cerimonia da transmissão do poder.

E, por isso mesmo que o seu encerramento coincidiu com esse facto, capaz de absorver todas as atenções, talvez não despertassem ellas o interesse merecido em outros circulos, além dos navaes.

Entretanto, a propria circumstancia de ter voltado a esquadra quando se achavam fundeados na bahia Guanabara diversos navios estrangeiros, aqui vindos com a missão de representar os seus paizes no grande acontecimento politico, serviu para demonstrar os resultados admiraveis das brilhantes provas a que acabava de se submeter a nossa Marinha de guerra. E' que a magestosa entrada das naves patricias, pela sua formatura impecavel e pelos suas evoluções seguras, arrancou calorosos elogios das garnições amigas, que assim poderam testemilhar, com a sua observação competente e auctorizada, a efficiencia das manobras recém-effectuadas.

Alcançaram essas, com effeito, o maior exito possivel. Obedecendo rigorosamente ao programma estabelecido pelo Estado Maior da Armada, a esquadra trabalhou intensamente durante todos os dias em que esteve na bahia da Ilha Grande, a exercitar-se nos tiros de guerra e a desenvolver themas tacticos, com um entusiasmo, uma dedicação e um aproveitamento extraordinarios.

Commentando-as em vibrante artigo, escripto com a fé e o ardor de um apaixonado pela sua classe, o commandante Frederico Villar synthetizou as suas impressões nestas phra-

ses, dignas de serem divulgadas por todo o Paiz:

"Seja como for, a despeito do lamentavel estado de decadencia do nosso velho material, o que nos enche de satisfação é que *nunca a Marinha attingiu tão alto gráo de preparo tecnico e de cultura professional! Nunca houve mais amor pelo serviço naval*, nem tão alto estivemos em disciplina que tem por base o affecto, a noção do dever, o respeito e o apreço entre superiores e subordinados!"

E' perfeitamente justo esse conceito sobre a nossa Marinha de hoje.

Conquistou-o ella pelo modo galhardo com que tem procurado cumprir seus deveres, organizando-se como escola de patriotismo e elemento de força ao serviço da defesa nacional.

A sua officialidade e a sua maruja não se têm poupado esforços nesse sentido, fiéis sempre ao destino que lhes traçou o glorioso e pranteado chefe Alexandrino de Alencar, através do lemma que se immortalizou com o seu nome: rumo ac mar!

Effectivamente, é no mar e para o mar que deve e quer viver a grande classe, nos exercicios constantes e fecundos de sua actividade, movimentando os navios, percorrendo o litoral, visitando os portos, estudando as questões technicas. O marinheiro em terra, embora da propria Patria, como se sente exilado, porque longe do ambiente sadio em que enrijou os seus musculos, educou o seu espirito e fortaleceu o seu character, para se devotar inteiramente á nobre profissão, que exige tanta coragem phisica como integridade moral.

O proprio movimento perpetuo do mar está a attrair os que têm por obrigação manter a sua vigilancia. Já Ruy Barbosa, no formoso artigo "A licção das esquadras", sentenciava la-

pidamente: "O mar é o grande avisador. Pól-o Deus a bramir junto ao nosso somno, para nos prégar que não durmamos". E, mais adiante, completando o seu pensamento: "O mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectaculos são licções: não os contemplemos frivolamente".

Quer isso dizer que, para aproveitar os ensinamentos do mar, é preciso alguma coisa mais que a bõa vontade dos homens. E essa é o apparellamento material da Marinha, concretizado na renovação e augmento da esquadra, em correspondencia com as necessidades, e interesses do Paiz.

De facto o Brasil, com os seus 6.500 kilometros de litoral e as suas dezenas de magnificos portos, está a reclamar para a sua Armada uma série de medidas relevantes, capaz de integral-a no desempenho dos arduos encargos que lhe competem, coroando os esforços com que se prepara para esse fim a nossa brava gente do mar.

E é ponto pacifico que essas medidas devem começar pelo desenvolvimento da industria de construcções navaes, destinada a dotar a esquadra das novas unidades de que precisa, com os proprios elementos naturaes de que dispomos fartamente, desde a madeira e o ferro até as aptidões technicas dos operarios e armadores.

Outro não pode ser, sem duvida, o escôpo da nossa administração naval.

Prestigiada pela confiança nacional, graças a sua disciplina exemplar e ás suas gloriosas tradições, a Armada espera tranquilamente que se realizem as suas legitimas aspirações, as quaes se confundem com a propria finalidade do Brasil como potencia maritima.

O. P.

de um capitão, e é grande consumidor de champagne. O general officiou recentemente ao Governo reclamando a isenção de direitos da Alfandega para tres caixas de champagne consignadas a um seu sargento...

Que fez aqui a missão Gamelin?

Incompatibilizou-se com os militares e tornou-se antipathica por sua arrogancia. E' de hontem o caso da aviação: com razão ou por simples apparencia, accusou-se um subalterno da missão de ter damnificado propositalmente um avião pilotado por officiaes brasileiros. Um jornal publicou o boato e criticou certos factos da

missão, arguindo officiaes della. Eram estes empregados contratados e a soldo do Brasil, e não representantes politicos ou diplomaticos da França.

Deveriam, pois, reclamar como particulares, ou como funcionario do Brasil, si julgassem falsa ou calumniosa a accusação. Não se prestaram a isso: levantando-se nos seus coturnos, quizeram que a Embaixada francesa movesse o processo. Queriam, talvez, renovar a questão Christie.

O nosso tribunal, felizmente, não admittiu essa enormidade.

Mas, perguntamos, porque cargas dagua preferiu o nosso Governo

a França para contratar a instrucção do Exército brasileiro?

E' sabido que estava desorganizado o Exército francês até a vespera da aggresão alleman, e por isso foi necessario que a Belgica, a Inglaterra, a Italia, a Russia, a Polonia, a Servia e até Portugal, além dos Estados Unidos, se colligassem para libertar a França e vencer a Allemanha exhausta, bloqueada, esfomeada. Só nos ultimos dias teve o exercito francês a vantagem da tactica e da estrategia de Foch e de alguns outros generaes.

Não foi, pois, a fama que indicou tal preferencia.

Valor das Faculdades

Relação entre a Sensação e o Real

Bacharelando CESARIO MARTINS

(Da Faculdade de Direito da
Universidade do Rio de Janeiro)

Conheceis Carlito, o galhofeiro mimico dos *films* cinematographicos, que faz gargalhar o riso ao compasso da sua excentricidade estudada e mathematica?... A sua celebridade começou no dia em que o comico impagavel se apresentou como uma figura exotica, extravagante e divertida.

Os senhores americanos apertavam as ilhar-gas, quando Chaplin se desenhava na tela, e vergavam-se para a terra, ao aceno dos seus trejeitos e esgares.

Mas, houve uma senhora nos Estados Unidos, em quem o ridiculo original não conseguiu despertar a hilaridade. O facto foi tão berrante e escandaloso, que o nome da mulher tornou-se menos conhecido que o do mimico galhofeiro. Chama-se Maria Veillette, e é provavel que nas vossas viagens aos Estados Unidos ainda a encontreis viva em Meriden, Connecticut. Pedi-lhe que vos conte a historia dos dez dollares, e vede si ha nella alguma philosophia.

As fitas de Carlito tornavam-na constricta.

O proprietario do Cinema notou-lhe a originalidade, e pensando tratar-se duma dissimulação, apostou com ella que vendo a fita Hombro, armas, riria a bom rir. E nessa noite Maria Veillette recebeu os dez dollares da aposta, porque havia chorado durante todo o tempo.

É que, como depois declarou, « não podia assistir, sem lagrimas nos olhos, a incrível serie de desventuras que no *film* affligiam o sympathico e infeliz « Charlot ».

Parece que podemos concluir, sem grande prejuizo para os empresarios de cinemas ou para a hipocondria de Maria Veillette, que a mesma causa muitas vezes produz efeitos oppostos; e, si quisermos tratar a questão com rigor philosophico, tambem nos é dado affirmar que o mesmo effeito pode nascer de causas differentes. Neste particular, o temperamento individual e a constituição organica desempenham um papel de relevancia.

Si na nossa vida não houvesse mais do que dois sentimentos, ou, melhor, duas expressões de sentimento, o riso e o choro, a questão já de ha muito que estaria de todo resolvida pela sciencia.

Sois certamente illustrado, conhecedor da historia antiga e pode ser mesmo que philosopho ou cientista. Ouvistes falar de Democrito Heraclito, cuja philosophia deu a um para rir e a outro para chorar? Dizia aquelle que ria das misérias da vida, e o outro que chorava por causa dellas. E a isto chamaram durante muito tempo philosophia.

E a verdade da sciencia demonstrou mais tarde que Democrito e Heraclito eram dois doentes chronicos, que tinham constantemente irritada a protuberancia anular, nos pontos de contacto com os hemisphericos do cerebello, onde, diz a sciencia moderna, se localizam o choro e o riso.

Assistimos a um concerto. A belleza ideal da musica, a expressão que a repassa, faz-nos vibrar as cordas da alma; e a alegria resuda clara e espontanea através dos olhos enlevados dos assistentes. Mas, entre estes, ha um que se possuía dos sentimentos contrarios.

O que para os outros constitue objecto de prazer, é - o para elle de desgosto e de tristeza; e, contudo, a exteriorização desses dois sentimentos é a mesma que em todos.

Como explicar o phenomeno?

Que a mesma cousa possa produzir efeitos oppostos, não ha duvida. O que a uns faz sorrir, faz a outros chorar. No moral, como no physico, ha enfermidades e temperamentos oppostos, que não se coadunam com os mesmos remedios. O difficil é saber como em taes circumstancias as manifestações ainda podem ser identicas. Mas, tambem isto pode ter a sua explicação: A exteriorização dum sentimento é, para assim dizer, convencional.

Si para uns a expressão da tristeza é o rictus da facie, para outros pode ser que seja o enlevo ou o sorriso; quando estes rejubilam, aquelles contristam. Mas, como uns riem, os outros riem tambem. Uns riem de tristeza os outros de alegria. É uma expressão unica de dois sentimentos.

É isto é uma pura phantasia, porque muitas vezes rimos forçados, fingimos o que não somos e occultamos o que somos de realidade. É a arte que mascara o sentimento. E não se poderia dar o caso, em que o sentimento não deixasse logar á arte? Não poderia existir um individuo, em quem as manifestações sentimentaes, sinão todas, ao menos algumas, fossem differentes do commum da humanidade? - Sem duvida.

E o contrario difficilmente se poderia provar. Chamem o facto esporadico, si assim o querem, que nem por isso deixaria de ser real.

É como sabemos que este facto não é commum? Porque será que uns não applicam a uma circumferencia a idéa de quadrado, outros a de angulo, este a de palygono, e aquelle a de linha recta?

A razão é simples. A entidade objectiva da figura é uma sô. Si todos a vissemos de um modo differente, andaríamos todos em erro, estaríamos todos doentes.

A natureza, que a razão nos presenta como bem organizada do concerto universal, traria os homens em illusão perpetua; ter-lhes-ia dado uns instrumentos inhabeis para a consecução do seu fim.

De qualquer modo que encaremos o mundo visivel, ou vejamos nelle com os espiritu-alistas o producto do verbo creador ou um resultado das forças conjunctas evolutivas, a natureza apresenta-se-nos sempre bem ordenada; e cada elemento, na harmonia das coisas, revela sempre uma finalidade, tem sempre uma razão de ser. Porque negaremos a cada sentido a perfeição relativa que lhe compete; si cada orgão tem uma função perfeitamente determinada pela sciencia, e a sua expressão causaria transtornos quasi sempre irreparaveis?

Não se poderá contudo dar um individuo que aprecie as coisas de um modo differente de todos os outros?

Pode, porque, no moral como no physico, ha os aleijões, as anomalias; e a natureza atende ao universal que não ao particular, corrige o todo, que não a parte.

Demais, as faculdades só podem gosar de infallibilidade, quando versem sobre o seu objecto proprio, e não exista impedimento que interdite a sua acção.

Esse impedimento pode provir da faculdade, do meio ou do objecto.

Quereis vê-lo?

O forasteiro jornadaeia através do deserto, encalmado, exaustado de cansaço e açoitado pelo simum, que se espoja sobre a superfi-

cie arenosa. Ao longe, desenha-se-lhe nitida no horizonte uma ilha verdejante com palmeiras gigantescas a espreguiçarem-se no céu avermelhado; a esperança reverdesce no coração do caminheiro, como a flor selvagem que mosqueia o deserto.

Seguiu viagem. Ao anoitecer, tudo se lhe desvaneceu como por encanto.

Era um effeito de miragem.

É a miragem é a illusão das realidades do do deserto.

Foram os olhos que o enganaram?...

Não. Foi um erro da razão que se precipitou no seu juizo. Os olhos deram-lhe apenas um complexo de imagens. A intelligencia concluiu illicitamente que era um oasis.

Foram as camadas atmosphericas que produziram a illusão. O beduino, que conhece a miragem do deserto, não se teria enganado. Outras vezes é a phantasia que provoca e precipita o acto da razão.

Um homem commetteu o crime e sabe que a policia lhe segue a pista.

Ao abrigo da treva, foi-se acoiatar num rincão solitario, onde só piam aves e só povôam sustos. De repente, ouviu o rugir de uma folha ou o restolhar de um gato.

Ergueu os olhos receiosos e lobrigou um vulto: Era uma arvore esmoitada a esbracejar na escuridão. E o criminoso gritou: a policia! Foi um erro da razão que se precipitou no raciocinio.

Os olhos apresentaram uns simples traços geraes.

A phantasia apreendeu-se segundo os seus receios, e a razão preferiu um juizo sem elementos bastantes. Si observarmos a lua através dos braços de uma arvore, veremos que se nos afigura mais volumosa do que é em realidade. É que os ramos, perfilando-se sobre o disco lunar, apresentam um grande numero de objectos particulares, que, pela sua multidão, parecem augmentar o volume do astro.

É esta a hypothese aventada por Goÿye em 1700. A descontinuidade faz ver o objecto maior do que é em si, em virtude da desassociação das imagens.

Assim, de duas linhas da mesma dimensão, uma continua e outra ponteada, esta ultima parecerá maior. Como vemos, o erro aqui é devido a uma circumstancia particular da descontinuidade, que influe na idéa de extensão; e, no primeiro caso, ao meio que nos impede de ver a lua com toda a clareza.

Mas, deixemos que a lua continue a espreitar por detraz dos braços hirtos do arvoredado. Deixemos que vivam nella as turbas inteiras dos idealistas, dos metaphysicos, dos poetas e sonhadores.

Entremos num quarto luxuosamente mobiliado, com ricos... Não. Isso pouco importa. Eu quero apenas um espelho, e, deante do espelho, uma linda menina de quinze annos, namorando como Narciso a sua propria imagem. Que é o que ella vê? — Dizem os phisicos que uma figura simetrica, virtual e a uma distancia igual para trás do espelho. Mas, através do espelho fica a parede.

Os raios luminosos não se encontram porque são divergentes, e os seus prolongamentos se não encontram porque não são coisa alguma.

É portanto ha apenas uma impressão visu-

al, e tudo se passa como si os raios luminosos emanassem dum ponto, que está do outro lado, e atravessassem o espelho.

Ha neste phenomeno uma sensação de distancia que não existe; a localização de um objecto que está apenas no nosso cerebro, e que nós nos figuramos ver, num lugar differente.

Ha um caso frequente de illusão, que não devemos omitir, ao menos a titulo de curiosidade. É a paranesis.

Algumas vezes, diz Bergson, enquanto assistimos a um espectáculo, temos a convicção de que já presenciamos aquella mesma scena e que já bebemos aquellas mesmas expressões.

É a illusão é por vezes tão completa, que chegamos a prever o que se segue.

Diz Janet que « le phénomène du déjà vu ne constitue pas un trouble de la mémoire, comme on le dit très souvent, mais un trouble de la perception. »

« C'est une appréciation fautive du caractères de la perception actuelle, qui prend plus ou moins l'aspect d'un phénomène reproduit, au lieu d'avoir l'aspect d'un phénomène nouvellement perçu. »

« Le déjà vu entre dans les sentiments d'automaticisme. »

Este facto não prova contra o valor de nenhuma faculdade, nem ainda contra a memoria.

Accusa apenas a presença duma reunião de imagens, um tanto confusas, synthetizadas por um estado psychologico de exaltação, e que prendem o presente ao passado, numa illusão natural e logica.

É sobretudo a similhaça entre as scenas que se estão passando e outras anteriormente desenroladas, o que mais contribue para o caso bastante commum da paranesis.

Além do argumento geral de ordem metaphysica, applicavel a todos os sentimentos e potencias, a veracidade da visão funda-se directamente no que deixamos traçado sobre o percepçionismo.

As irradiações da materia transmittem-nos as mil cores e figuras que nos fazem distinguir os corpos, mediante as vibrações imperceptiveis do ether.

É isto o que nos dizem os physicos em geral. Como os demais sentidos passa-se o mesmo. Que significa um olfacto apurado? — É o que se deleita com as exhalações agradaveis. Entremos num jardim.

Enleva-nos o perfume das flores? — Tendes o sentido são. Deleita-vos o sabor das fructas? — Tendes bom gosto. Acaricia-vos o a canto das aves? Num concerto de mestres, apanhaes uma nota desgarrada do compasso? — O vosso ouvido é afinado. Tendes um órgão sensível ao sopro leve da brisa, ou ao roçar subtil de uma asa? — Dotou-vos a natureza de um tacto primoroso.

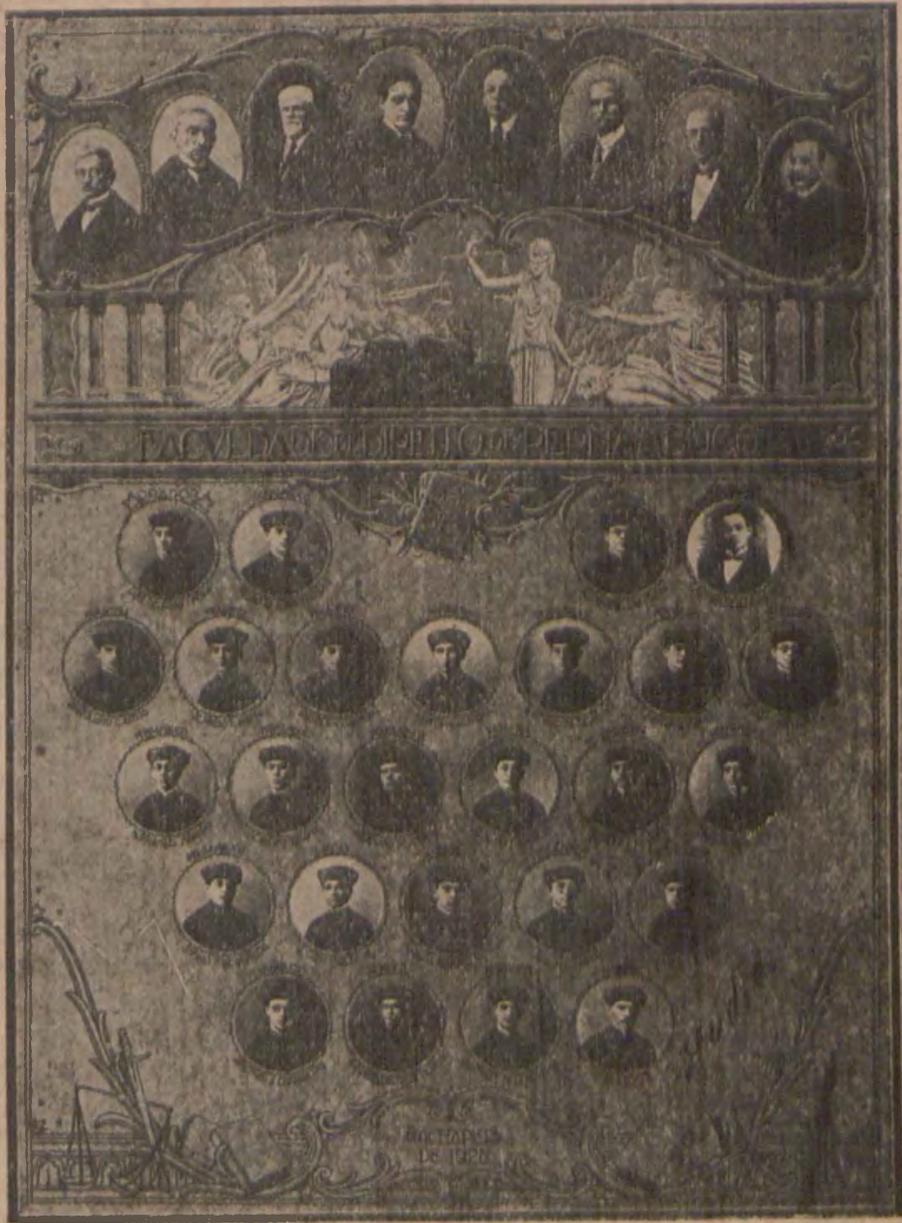
É este um modo de pensar commum a toda a gente, e a maioria constitue a lei. É quando as excepções della se apartam, são consideradas como aberrações ou monstruosidades da natureza.

Apellamos neste ponto para o senso commum, porque a questão offerece difficuldades serias.

Muitas pessoas acharão excellentes, por exemplo, certas fructas, quando outras as detestam. Que norma poderíamos seguir para julgar de quem tem razão?... — De mim confesso que nenhuma outra conheço mais immediata do que o juizo do maior numero.

Mas, a razão da maioria não explica a objectividade ou o porque do facto: e é evidente que este deve existir, mas só os physiologistas o poderiam encontrar. A sciencia que o procure.

Mas, Lamennais ainda vai mais adiante; e para elle, toda a difficuldade é distinguir entre o sonho e a vigilia.



Bacharelados de 1926

« Quem demonstrasse que a vida inteira não é um sonho, uma chimera indefinível, faria mais do que poderam fazer até hoje todos os philosophos. »

A difficuldade existe por certo, sob o ponto de vista philosophico; mas, Lamennais exaggerou-a, e o erro proveiu-lhe sobretudo da sua theoria sobre o senso commum.

Que um individuo, durante o sonho, pense que aquillo é a realidade, não é de extranhar, porque se encontra num estado de subconsciencia, onde lhe é vedado o livre exercicio das suas funções intellectuaes, e, ainda mesmo quando parece discorrer, o seu raciocinio ou é destituido de fundamento ou de segurança. Mas, no estado de vigilia, neste, em que eu estou agora quando escrevo, e no em que se acham tambem os que me lêm, as coisas passam-se de um modo differente. Para comprehendermos essa differença, não hemos mister sahir fóra de nós mesmos; basta procurar na nossa concentração a sua realidade.

Si sonhamos... Não. Não digo bem. O estado de sonho, como nota Balmes, é distincto do de vigilia: Um apresenta as imagens confusas, sem continuidade de logar, sem successão de idéas.

A mesma acção passa-se aqui e em Lisboa; com pessoas que ao mesmo tempo estão em

Paris, Berlim e Petrogrado. O scenario vai-se desenrolando automaticamente, e será em vão que se pretende demorar nas circumstancias e fugir do que nos incommoda.

Durante a vigilia, o quadro é differente. Agora, por exemplo, estou escrevendo, mas si eu quero, ponho o papel para o lado, levanto-me e vou á janella; demoro-me no que me lisonjeia, desdenho do que me desagrada; tenho a visão nitida das coisas, estou no exercicio pleno da minha actividade, apalpo a realidade do mundo, tenho a certeza de que não durmo nem sonho.

Dois estados que apresentam entre si caracteres tão pronunciadamente contrarios, distanciam-se por si mesmos e autorizam-nos a afirmar que o sonho e a vigilia são, para assim dizer, duas antitheses do mesmo individuo, duas phases psychologicas differentes da mesma personalidade.

É certo que, durante o sonho, tudo se passa como se fosse realidade; e, ainda, ao despertar, a illusão sóe algumas vezes ser tão completa que duvidamos si tudo aquillo não foi uma verdade.

Mas, de um caso particular não podemos concluir para o geral. Basta que no commum saibamos, como de facto sabemos, fazer a distincção.

As faculdades têm portanto um valor real.

Qualquer dificuldade que possa surgir, será apenas uma duvida. A razão compete o destrinça-la.

Notemos, porém, que nem a toda a sensação corresponde uma realidade, ou um objecto externo. Já o vimos no effeito da miragem, e mais o confirmaremos do que se segue.

Sob o impulso duma idéa, pode haver um erro.

A imaginação pode actuar sobre os membros e produzir uma sensação que não obedeça a nenhuma causa extrinseca.

A relação é obvia. A sensação produz-se mediante um reactivo externo, que vai sensibilizar o órgão.

O systema nervoso transmite a impressão ao cerebro, que é a séde de todas as sensações. É quem não vê que pode haver uma causa interna que produza a mesma reacção, sem o concurso do objecto externo?

A causa seria differente, mas o effeito seria o mesmo.

Lembremos a proposito o que diz Leashore: « Nas manobras de torpedeiros não é raro assignalar a presença dum torpedo onde não existe. Depois da partida de André para o polo Norte, o seu balão foi visto em cinco ou seis logares differentes, e tão distanciados entre si como a Siberia da Groenlandia. »

Passa-se um caso analogo com o magnitismo animal.

O individuo, sob a acção do somno hypnotico, é victima da sua phantasia. O influxo da imaginação sobre o systema nervoso é muitas vezes decisivo, chegando mesmo a produzir ou eliminar enfermidades.

Podiamos multiplicar os exemplos deste genero; mas á psychologia experimental compete dar delles explicação.

Do que dissemos até agora concluiremos que as nossas faculdades tendem naturalmente á representação exacta do objecto. Mas, entre a sensação e o real, não ha uma relação constante e necessaria. A sensação é um simples phenomeno; não lhe compete portanto julgar da verdade das coisas.

Só a vista é que é rigorosamente um sentido representativo do objecto; os demais produzem consciencia, que não representação.

Só o entendimento poderá corrigir os defeitos que provenham dum caso particular, e completar assim a obra dos sentidos.

UMA EVOCACÃO DE S. PAULO ANTIGO

A CONFERENCIA DE COELHO NETTO NO CENTRO PAULISTA, DO RIO.

Na sala do gremio que tão nobre e elevadamente interpreta, no Rio, os sentimentos e idéas da gente de S. Paulo — legitimo orgulho do Brasil meridional —, ergueu-se no dia 1.º de dezembro, á tarde, a voz de um dos homens que melhor representam aqui o septendrião brasileiro: Coelho Netto.

Tão feliz quanto a escolha do conferencista; a escolha por este feita do thema a ser desenvolvido. Realmente, si foi engenhoso pedir a um escrip-

tor do extremo norte que collaborasse na propaganda das coisas de S. Paulo, idealizada e organizada pelo centro, visto como esse concurso accentuaria o caracter predominante da obra em andamento — a consolidação da unidade nacional —, não o foi menos que esse escriptor completasse a visão panoramica do grande Estado, surprehendido em sua esplendida actualidade pelos conferencistas anteriores, contrapondo ás manifestações vertiginosas do seu progresso uma evocação enterneçada, e, por isso, justamente, impressionante, do que elle era, quarenta annos atraz.

Coelho Netto é, quando palestra, seja na intimidade, seja em publico, verdadeiro mago, e a penna do chronista vacilla, treme, vergonhosa mas mui razoavelmente acovardada, ante a contingencia de tentar definir os secretos, inviolaveis mysterios de tanta virtuosidade no manejo da palavra.

Falou sobre o S. Paulo "de seu tempo", o S. Paulo de 1883, quando para lá o conduziu o intuito de cursar a Faculdade de Direito. E era o seu coração, era a sua saudade — saudade de uma adolescencia magnifica — que o guiava nessa romaria espiritual a uma cidade hoje desapparecida com tudo quanto a fazia humilde, ingenua, deliciosamente atrazada, para ceder logar a uma das mais formosas *urbs* da America, do mundo todo.

Dominados pelo sortilegio em que se converte a faculdade de evocar, quando o evocador se chama Coelho Netto, quantos o ouviam sentiram-se transportados áquelle ambiente onde se formaram diversos dos mais poderosos modeladores do coração e do espirito nacionaes, e em que o estouvamento da mocidade academica nem de longe a inhibia de se reservar, na epopéa do abolicionismo, como em outras campanhas gloriosas, as posições mais perigosas e as attitudes mais heroicas.

Apesar das tentações que á ironia do querido mestre offerecem tantas reminiscencias de episodios da sua iniciação no meio estudantino da velha Paulicéa, predominam em sua palestra as projecções da nostalgia. Não que elle prefira o S. Paulo de out'ora ao de hoje. Mas, na cidade desgraciosa, sombria, monotona, que sua palavra faz resurgir, ficou muito da phase melhor da sua vida. A saudade que della sente, é, afinal, a da propria mocidade.

Quem quer que conheça Coelho Netto, como conferencista, facilmente imaginará as lindas phantasias que bordou, amavelmente, em torno a um motivo tão proprio para lhe fazer vi-

brar o emotismo. E que o publico permaneceu até o fim sob o encanto da evocação, provou-o a longa acclamação feita ao evocador.

Para encerrar essa festa de intelligencia integralmente brasileira, a senhorita Cecilia Lebeis, da mais fina sociedade paulista, fez-se ouvir em diversos numeros de canto, estando ao piano a exma. pianista amazonense senhorita Jacyra Amorim.

Maranhão, S Paulo, Amazonas... As reuniões promovidas pelo Centro Paulista obdecem, de facto, ao empenho de estreitar os laços moraes da nacionalidade — homogenea, cohesa, una, a despeito de todas as apparencias de differenciação e distancia! O. P.

A defesa do nosso algodão.

Deslocado o grande volume da produção nacional do algodão para o Estado de S. Paulo, onde, a começar de 1923, parece-nos, se fundaram fazendas em largos moldes, visando uma cultura remunerativa em alta escala, já se nota que a propaganda desse nosso artigo começa a ser feita, no exterior.

De certo que não é da propaganda externa que mais precisamos, no sentido de incentivar as plantações algodoeiras, tanto no norte como no sul do Brasil. Mas, é indiscutível que essa propaganda possui o requisito fundamental de attrair capitaes para a referida lavoura, a exemplo do que a França pratica nas suas colonias e a Inglaterra também.

Mesmo que o algodão não estivesse na dependencia do consumo externo, mediante a exportação, teriamos a considerar o caso das nossas necessidades internas, cada vez mais crescente, desde que não hesitemos no apoio official que esse ramo da nossa economia exige. Conforme ainda ha pouco foi dito, em reunião da Camara do Comercio do Havre, o Brasil já possui um numero bem regular de fabricas de tecidos, que representa o grande centro consumidor do nosso algodão.

Como prova de que esse consumo está celaramente se alargando, basta ver que, sendo de quasi cem milhões de kilos, a exportação não corresponde talvez a um terço do mencionado volume. Isso demonstra que o nosso algodão conta com fontes de consumo proprias, ajudadas, ainda mais, pela possibilidade de de uma exportação que muito se alargará, desde que saibamos cercar a lavoura da assistencia de que ella tanto precisa.

O conceito que o algodão brasileiro desfruta nos meios de tecelagens internacionaes é muito lisonjeiro. Ali está o que disse um dos maiores botanicos dos manufactureiros de Manchester sobre essa materia prima produzida no Brasil. Referimo-nos ao sr. Arno Pearse, para quem o nosso algodão possui um conjunto de qualidades que raramente se encontram reunidas, como seja a fibra longa, sedosa e resistente.

É preciso, pois, que a esses conceitos allieemos a vontade perseverante de dilatar a nossa produção, visando conquistar mercados externos e satisfazer na melhor medida possível, as necessidades internas que tendem naturalmente a crescer, de anno a anno.

Sabios allemães no estrangello.

O professor titular de chimica inorganica da Universidade de Berlin, dr. Planeth, foi convidado pela Universidade Cornell, de Ithaque (E. U. A.), para alli dar cursos durante o semestre de inverno.

As Novas Gerações precisam Aprender a Realizar

Em um artigo de concisão lapidar, os nossos brilhantes confrades do «O Brasil» traçaram a apologia civica do projecto do deputado Fidelis Reis sobre o ensino profissional. Aqui transcrevemos, data venia, os commentarios do vibrante matutino:

Ha um bom pedaço de tempo, o deputado Fidelis Reis, com aquelle ardor de apaixonado que tanto embelleza as attitudes dos homens publicos, attitudes, infelizmente, tão raro tomadas, apresentou um projecto que, á primeira vista, sobretudo para os que apenas leram o seu enunciado e não as suas justificativas nem o discurso com que o fundamentou o deputado mineiro, pareceu um exotismo estranhavel.

Mandava esse projecto, em synthese apertada, a alta condensação, como lei que pretendia ser, que todos os candidatos ás escolas superiores só pudessem matricular-se nellas depois de feitas as provas correntemente exigidas, prestassem uma outra, nova, a de que sabiam trabalhar num officio.

Houve discussões e até protestos, em torno do projecto, não faltando, quem, com uma candida ingenuidade, fizesse ironia á letra da futura lei, indagando chalentamente si para receber remedios ou dizer nos autos seria, mesmo, indispensavel, ser carpinteiro ou torneiro mecanico.

Sem indagar do que se continha nas justificações do lançador do projecto ou no seu longo discurso explicativo, a chalaça, "a priori", não se justifica nem tem razão de ser.

O exercicio de um officio, em summa, qualquer que elle seja, consiste em, partindo de um risco a duas dimensões, com medidas precisamente marcadas e uma fórmula pre-estabelecida, realizar uma coisa, a tres dimensões, arrancada da massa informe desta ou daquella materia prima, não importa qual seja, de modo que essa coisa corresponda exactamente ás exigencias desse risco.

Examinemos com attenção um operario no seu mistér de assim produzir coisas indispensaveis ao nosso conforto; examinemol-o em acção, mesmo empoeirado de serragem, mesmo com a roupa maculada de oleo. Mas, examinemol-o na nossa qualidade de individuos mentalizados por um alto gráo de intellectualismo, com o laço da gravata rigoroso, o casaco á George Walsh, as botinas á Rodolpho Valentino e essa face descaracteristicamente glabra com que mimamos servilmente os phantasmas do cinema.

Olhemol-o dentro da nossa forma-

ção mental que fez de nós "esses estudantes de palavras" a que se refere Carlyle, matriculados em academias que "soffem de congestão cerebral" como das dos Estados Unidos de 1876, disse em relatorio celebre o professor George Walton.

Estabelecida, assim, esta equação differencial entre nós e o operario, convenhamos que elle consegue com as suas ferramentas e com a sua materia prima, o que nós raramente conseguimos com os planos, projectos, formulas, sonhos e dissertações brilhantes, fulgurando no esplendor verbal da nossa intellectualidade.

Elle consegue ser um realizador que, partindo da responsabilidade assumida deante de uma planta, dessa responsabilidade se desincumbe perfeitamente, como nós nem sempre somos capazes de nos desincumbir daquellas que assumimos perante aquelles deante dos quaes traçamos as nossas formulas, desenhamos os nossos projectos de realizações que frequentemente não passam do papel.

O projecto em questão, pretendendo solucionar esse nosso estado de inferioridade, não faz mais do que indicar o remedio que serviu de cura a uma molestia igual, de que soffreram outros paizes, são e outrora enfermos do mesmos mal, conforme attestam, os diagnosticos citados, de Carlyle e do professor George Walton.

O projecto falla na pratica de um officio, é facto que um pouco summariamente, para o nosso rudimentarismo simplista que se apéga á letra e não analisa o espirito das leis.

Mas, os artigos de uma lei não podem ser dissertações sobre sociologia e educação. Elles têm de ser forçosamente syntheses, condensações, indices resumidissimos e não explanacções minuciosas.

O que o projecto Fidelis Reis submete é o caldeamento da cultura mimemonica, livresca, exclusivamente mental, forçando para as abstracções, com o exercicio das actividades realizadoras, a liga, emfim, como bem definiu Omer Buyse, das humanidades technicas.

Numa palavra, é a instituição da educação experimental, para que se realize, como quer Bacon, o estabelecimento de um justo equilibrio de correspondencia, entre o espirito e as coisas ou, como mais descriptivamente definiu, mais tarde, o grande sociologo e educador norte-americano Charles Ham, no seu livro celebre "Mind and hand", dizendo que a educação é o cultivo de todas as fa-

culdades do Homem, para o ponto culminante da acção.

O que somos, o ponto a que chegámos, como povo de uma mentalidade exuberante e cheia de brilho, mas, de uma lamentavel incapacidade para as mais elementares realizações, não é— pois ha provas em contrario, mórmente por parte do nordestino que luta cem a Natureza braço a braço e ainda não se deu como vencido por ella— não é só fruto de um fatalismo tropical amollegante e dissolvente.

E' principalmente effeito da educação que temos dado ás nossas «élites», educação viciosa, não por causa do latim e da philosophia porque viver é philosophar, mas por causa do monolateralismo mentalizante da nossa formação.

E' este o espirito do projecto do deputado Fidelis Reis que conseguiu empurrar-o victoriosamente para o Senado, com o empenho de idaélita vibrante que poz nessa sua beindita campanha.

O projecto alli está no Monroe, á espera do parecer que lhe dará o illustre senador Paulo Frontin, educador, elle proprio, de mais de uma geração e que, assim, melhor de que ninguem, com o seu treino no magisterio, servido por uma percuciente visada de observador e de psychologo, ha de estar perfeitamente ao par e sciente dos males principaes que se infiltam na nossa nacionalidade, por meio da educação.

De suas mãos experientes, estamos certos, o projecto sahirá para a approvação final.

** O clero americano de todas as religiões, nos Estados Unidos, decidiu fazer um esforço para sustar a marcha crescente dos divorcios naquelle paiz.

Propõe-se formar uma especie de: sindicato, cujos membros se comprometam a não casar os que se hajam divorciado de matrimoni-
os anteriores.

Calcula-se que, nos ultimos vinte e cinco annos, houve nos Estados Unidos 500 mil divorcios.

Nesse mesmo periodo, embora a povoação da Europa exceda de mais 300 milhões a dos Estados Unidos, em toda ella não houve mais de 218.861 divorcios.

QUATRO SONETOS DE SEVERINO SILVA

SEVERINO SILVA, poeta paraense, onde, como homem de letras, creou um círculo de distinção mental, é formado em direto, e em Belem exerce o magisterio nos estabelecimentos principaes do Ensino Publico. Seus versos magnificos já nos haviam chegado até nós; agora, pessoalmente, dá á cidade do Recife a honra do seu convívio alegre e illustre.

No dia 18 do corrente, ás 20 horas, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio. Severino Silva fez sua conferencia - "Elogio dos Simples" - e com sua palavra entusiasta e facil empolgou a todos que o ouviram. Noite de elegancia espiritual, noite de esplendor mental, incontestavelmente.



BRANCA

Vejo, quando te moves, quando falas,
em atitudes virginaes, serenas,
um milagre dos marmores de Athenas
na figura imperterrita de Palas.

Longe das galas, do esplendor das salas
baixas, piedosa, ao pó dessas gehennas
em que morrem as profugas phalenas,
para remil-as, para libertal-as.

Na tez branca, na plastica fidalga
vibras a espiritual delicadeza
da sensitiva, do junquillo e da alga.

E cantam no teu ser como cristaes
os rithmos de ouro e de luz da natureza,
raras, excelsas, perfeições Moraes.



CABOCLA

A Civilização barbara e fria,
na vertigem dos surtos destruidores,
avassalou-te a indomita energia
com a truculencia dos conquistadores.

Os vandalos investem, á porfia,
titanicos, vesanicos, traidores...
A selva accorda em trepidos rumores:
— muda é a rola, a flor murcha, a agua sombria...

Mas, na tua alma de hoje, inquieta e dubia,
rumoreja a alma inquieta do teu povo.
o maracá chocalha, silva a inubia.

E, exilada das pompas florestaes,
choras, á pompa e ao sol de um mundo novo,
— só e triste na terra dos teus paes...

MULATA

No teu olhar, que brilha, canta, esvoaça,
na tua voz, que é prece e gargalhada,
ha lampejos sinistros de desgraça
e madrigaes de pomba namorada.

Airosa e incandescente, unes á graça,
á frescura da flor e da alvorada,
a murta brava e o occaso, o beijo, e a ameaça,
em gritos de panthera desvairada.

Fructo opimo dos tropicos, resumes
sombra e sol, brandos e acidos perfumes,
virtude estoica, chamma de pecado ...

Tu resumes, no todo feiticeiro,
o coração do povo brasileiro,
forte e formoso, mas desventurado.



NEGRA

Das veigas claras, do sertão fecundo,
em levas numerosas e gementes,
opprobrio, escoria universal das gentes,
chegaram teus avós ao Novo Mundo ...

Filha de Cham, fructo bastardo, oriundo
do mais triste e infeliz dos continentes,
tu bem que provas o desdem profundo
dos senhores hostis o omnipotentes ...

E, evitada, e humilhada, vida a fóra,
oh! flor nocturna, em risos desvairados,
 vaidades fatuas mangas e profanas ...

Mas, no teu canto, quando canta, chora
a saudade dos teus antepassados,
que dormem nas florestas africanas ...

A evasão do ouro pelos fretes

Temos demonstrado que uma das causas da desvalorização da nossa produção, pelo lucro do intermediário, é a falta de marinha mercante nacional.

Outras causas ha e nós as indicámos mais de uma vez; é, porem, essa a que mais facilmente se verifica e determina, porque é conhecido o valor dos fretes, e sabe-se quanta gente, quantas companhias e empresas se têm locupletado na exploração desse negocio.

A historia da prosperidade da Inglaterra data do Acto de Navegação de Cromwel, que preparou o povo inglês para mais tarde poder dominar o commercio marítimo internacional que constitue a sua maior riqueza.

Si a exploração dos *trusts* marítimos é de grande vantagem, quanto maior será convertida em *trusts* que afastam a concorrência?

Ora, é isso exactamente o que se dá actualmente, como veremos.

Nossa marinha mercante é mesquinha comparada com a de outros paizes.

Nem mesmo a de cabotagem é inteiramente nacional. Temos uma ou outra companhia nacional, e o Lloyd para fazer tambem a navegação de longo curso. O facto é que quasi toda a nossa exportação realiza-se por navios estrangeiros.

Ora, as companhias estrangeiras, por justo patriotismo e, ás vezes, por imposição official preferem transportar de suas respectivas colonias em egualdade de condições, os productos similares aos nossos. Dahi vem serem aos nossos por ellas impostos fretes muito mais caros.

Essa desigualdade é enorme e altamente prejudicial. O dr. Cincinato Braga denunciou que o frete dos productos da Argentina á Europa é inferior ao dos nossos aos mesmos portos europeus, apesar de estarmos a mais de mil milhas mais perto!

O sr. Cavalcante de Lacerda, quando Ministro em Noruega, notou no seu relatório que os fretes dos navios daquelle paiz aos portos do Extremo Oriente são eguaes ou menores do que os cobrados para o transporte dos nossos portos á Noruega, havendo entretanto uma differença de quatro, cinco e até seis mil milhas de distancia.

Assim se explica, diz o relatório porque em 1919 e 1920 foi a Noruega se prover de assucar de canna, oleo de mamona, fibras vegetaes, côcos, fculas, etc. em Java, 9.126 milhas distante de Christiania; supprir-se de copra, mendobi e arroz em Rangoun, a 8.155 milhas, de oleo de mamona no Japão a 11.864 milhas apesar de distarem muito menos os portos do Brasil, egualmente productores daquelles generos — Santos 5.997 milhas, Rio de Janeiro 5.777, Bahia 5.042, Pernambuco 4.725.

Em taes contingencias qual deveria ser o meio de corrigir essa desigualdade?

Evidentemente, uma concorrência de uma empreza nacional, como o Lloyd ou outra.

Nisso pensou Mayrink quando organizou aquella Companhia. Infelizmente não pode elle fazer mais do que fundar o Lloyd, e a escandalosa e deplorabilissima administração das directorias successivas dessa empresa, encampada pelo Governo, a inutilizaram.

É o Thesouro da União teve enormes prejuizos, maiores do que a subvenção, e assim se viram as Companhias estrangeiras, sem esforço algum, livres de uma seria concorrência.

Já narramos o desastre que succedeu com a linha do Mediterraneo. Della fizeram agente em Marselha a directoria das Messageries Maritimes, concorrente do Lloyd e a mais interessada em vê-lo fora do negocio!

Não obstante as más administrações passa-

Dr. A. Felício dos Santos

Um dos grandes jornalistas brasileiros.

Medico, catholico convicto, tem dedicado sua capacidade intellectiva ás causas nacional e divina. A sua obra, volumosa em actos de benemerencia, é uma das mais interessantes com que conta a nossa vida mental.

"A União", do Rio, por occasião da grande desvalorização da nossa produção, publicou do dr. A. Felício dos Santos o trabalho que pedimos venia para transcrever aqui. Nelle surge á evidencia o conhecimento completo da evasão do nosso ouro. Publicando-o, além da homenagem, testemunhamos a nossa admiração pela sua alta cultura.

das do Lloyd, comprehendem as Companhias estrangeiras que pode ser elle um motivo de receio para ellas, *embora colligados como estão.*

Em relatório dirigido pelo Conselheiro Commercial Norueguês na America do Sul, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros de sua patria e já publicado, que por muito extenso não reproduzimos, vem mencionadas as convenções estabelecidas por varias Companhias de Navegação interessadas no transporte do café do Brasil.

Repartiram ellas entre si os diversos portos do mundo, quanto ao trafego, e fixaram os fretes a cobrar. Feita a convenção, resolveram augmentar o frete a todo exportador que tivesse embarcado café em vapores *out sider* isto é, em vapores não pertencentes á colligação.

É um *trust*, um monopolio que impõem aos generos brasileiros. « Essa colligação — diz o relatório — conseguiu vencer toda a opposição ás respectivas linhas estranhas, e dominar em todos os pontos do Brasil, triumphando mesmo contra a poderosa linha Booth.

Quanto ao Lloyd, logrou essa empresa uma excepção, conservando a sua liberdade, *por pertencer ao Estado Brasileiro.*

Nós, brasileiros, que bem conhecemos a historia do Lloyd, atinamos com a verdadeira causa daquella tolerancia: bem sabiam as Companhias quão insignificante era a concorrência de uma empresa desorganizada, arrembentada, como andava o Lloyd... Si não, vejamos:

Parece — diz o relatório — que a mais forte corrente á convenção era a *Boot Steamship* e que esta cedeu pondo-se de accordo; mas deve-se contar com a desagradavel concorrência do Lloyd Brasileiro, que dispõe de numerosa frota e não parece disposto a manter os mesmos fretes que a colligação.

Este relatório foi publicado no « Boletim Official » do nosso Ministerio do Exterior, mas passou desapercibido.

Não foi reproduzido nem mesmo commentado pela imprensa diaria. Bem se pode imaginar porque... Nem parece ter feito mossa ao Lloyd e ás Companhias nacionaes!

A *receiada desagradavel concorrência do Lloyd* não se realizou. Porque?

Por motivos numerosos, que não é preciso expôr, mas sobretudo porque seria necessario lutar contra a natural tendencia dos exportadores estrangeiros a preferirem navios de sua nacionalidade.

Mas, é preciso vencer esse obstaculo á nossa navegação, custe o que custar.

A administração actual do Lloyd, dizem, é bôa; pois bem, auxilie-a fortemente o Governo e não terá prejuizo.

Outro meio pode ser usado com efficiencia o systema chamado *drawback*, a restituição de uma parte dos direitos de exportação do café embarcado em navios nacionaes.

Por muito patriotas que sejam os exportadores estrangeiros, não quererão perder muito preferindo os seus navios aos nacionaes. Além disso, será um estímulo a crearem exportadores nacionaes.

Para avaliar quanto é o lucro da navegação internacional, basta lembrar o que é elle para a Inglaterra e para outros paizes.

A Grecia equilibra a sua balança com o lucro da navegação mercante e as remessas dos seus immigrants. Já vimos como a Noruega graças a ser nacional esse commercio, pode prosperar num regimen de *deficit* entre o valor da importação e da exportação, não só durante a guerra como depois.

É que, como já indicámos em outro artigo, não ha evasão de dinheiro quando productos e intermediarios são todos nacionaes.

É preciso agir: basta de incuria nos interesses nacionaes. Ponhamos termo á politicalha.

Nossa situação de rivalidades e ambições pessoas ou de syndicatos politicos municipaes, estaduaes e federaes, desalentos á evasão da nossa riqueza e aos ja bem patentes intuitos de conquista do proprio Paiz pelo estrangeiro, assemelha-se á dos gregos de Constantinopla cercados pelos turcos e degladiando-se uns aos outros, divididos em *biancos e azues.*

O mal é grande, é geral. Como dizia o poeta latino — Tarde vem a Medicina, quando a molestia, pelas delongas em applical-a, tem invadido muito.

Mas, antes tarde do que nunca. Nem ousaríamos dar o brado de alarma, tal o nosso desanimismo, si não vissemos surgir um programma de reformas patrioticas, qual o que nos promete o governo do sr. Washington Luis

É, pois, um dever de todo o brasileiro colaborar nesse intuito e animal-o a romper, *por qualquer modo* as malhas da rêde em que estão envolvidos os verdadeiros interesses nacionaes, não só pela má politica interna como pelo dissolvente cosmopolitismo, o desastoso federalismo e o absurdo atheismo da nossa ingenua Constituição.

Urge começar a romper, *gradualmente*, as malhas e libertar a nação brasileira.



As molestias adquiridas pela alimentação são as mais numerosas e as mais graves, e eis porque todo o cuidado deve haver por parte das donas de casa em adquirir sómente generos sadios e de bôa procedencia".

O café CRUZ AZUL, por este motivo, deve ser o preferido. Encontrado em todas as mercearias.

Primeiro Congresso de Estudantes em Bello Horizonte

Refere René Fovareille que Fourier, cada dia, ás 4 horas da tarde, aguardava a presença do capitalista que lhe devia fornecer os fundos necessários á construção do primeiro "phalansterio". E todos os dias, fiel ao chimerico encontro, o genial precursor da "Associação" esperava o realizador desconhecido que não veio jámais...

Estudante de Direito, em época em que os sociólogos investigam objectivamente para conseguir a descoberta das leis que regem a vida real das sociedades, não posso ser um Fourier.

E nem conheço o realizador, um therapeuta social para curar os grandes males que o Brasil soffre. Mas, sei eu: nas Academias, nos Congressos, nos comícios das praças publicas, na imprensa, ha o therapeuta e a therapeutica; é todo dominio o fourierismo constitucional-reformista.

REFORMA CONSTITUCIONAL

Com a acuidade do problema da desorganização financeira do Paiz, que é apenas um cume mais altanado na serra das difficuldades que affigem a nacionalidade brasileira entorpecendo-lhe as energias por antepor-lhe aos horizontes sobrados obstaculos, surge o que o espirito vehemente de Pedro Lessa chamava - "os recursos predilectos das nações, e energia - de um governo pratico, e das nações decadentes e enervadas que, umas e outras, appellam frequentemente, mas debalde, para tão desacreditada panacéa". Reformar a carta das garantias para voltar ás tradições brasileiras... é o parecer de certa legião de revisionistas.

EVOLUÇÃO POLITICA BRASILEIRA

O grande auctor da "Refórma Constitucional" e "Poder Judiciario" lamentava a impertinencia melancholica daquelles que "com ares de profundos pensadores, e de quem conhece profundamente o nosso passado, toda a nossa historia"... inculcavam a necessidade urgente de "adaptar o nosso systema de governo ás tradições do Paiz".

I

É no seculo XVI. "Um mundo virgem boiando em luz, recamado de flores odoríferas e de dourados fructos esquesitos, um mundo mais attraente que as "Ilhas Verdes" dos Gaulêses ou o "Melg-Med" dos Irlandêses, rompia das aguas espelhadas, como uma grande joia luminosa!"

Pois bem, o português rude, teimoso como bravo, abria ao horizonte da humanidade, cerrado então, como filas de exercito em marcha, novo paraíso... de dôres - o Brasil.

* * *

Esta vastissima colonia, que, como fructo dourado o destino deixou ás mãos de Portugal até 1822, evolucionou no começo pelo infortunio dos degredados portugueses, ou dos escravos saudosos da terra natal sinão da morte, ou dos naturaes batidos, expulsos, subjugados ou mortos...! Aventureiros do mar tenebroso, dos mundos incognitos, das florestas interminaveis e minadas de traições, á curva dos tempos está o portico intransponivel de vossas empresas! Esculpiastes, edificastes com a vossa dôr a base deste grande ser social - a patria brasileira! Evolucionou, diziamos, até 1822, suspendamos a digressão, politicamente o Brasil, sob o governo absoluto da metropole, por intermedio de funciona-

THESE apresentada pelo então 1.º annista da nossa Faculdade de Direito, Marinho de Albuquerque.

«Corresponde, realmente, á uma necessidade brasileira a revisão constitucional?»

«Podem, effectivamente, ser imputados á vigencia da constituição de 91 os males de que padece a nacionalidade?»

— As conclusões não as publicamos por falta de espaço.

rios corruptos, rapinantes, ambiciosos, com raras exepções pela força do acaso. São as primicias das tradições politicas brasileiras.

II

Em 1822 inauguramos uma nova fórma de governo. Ao periodo de absolutismo em que viveu o Brasil colonia, succedeu um regimem



exotico, sem base em tradição alguma: a monarchia constitucional representativa. Outhorgada então ao Brasil uma liberalissima Constituição, cerca de 60 annos vigorou correspondendo ás idéas politicas mais avançadas.

Foi uma obra de idéalismo utopico. Dahi a justeza dos conceitos de verdadeiro sociologo que é o sr. Oliveira Vianna: "o trabalho de construção do aparelhamento politico tem no Brasil, um processo inteiramente opposto ao seguido, na sua organização politica e na sua estruturação constitucional, pelos grandes povos da antiguidade como o romano, ou pelos grandes povos modernos, como o inglês, o japonês, o norte-americano, o allemão da phase imperial". "Entre nós, com effeito, não é no "povo", na sua estruturação, na sua phisiologia, na sua economia intima e nas condições particulares de sua psyché, que os organizadores brasileiros, os elaboradores dos nossos codigos politicos vão buscar materiaes para as suas formosas e soberbas construcções: é fora de nós, é nos modelos estranhos, é nas jurisprudencias estranhas; em estranhos principios, em estranhos

systemas elles se inspiram e abeberam..."

Adoptada aquella fórma de governo, nos moldes acima condemnados, "tivemos, a principio, o pessimo reinado de um principe voluntarioso, inculto e inadaptavel ao systema politico a que presidia". Veiu depois o governo de Pedro II, que, ao cabo de algum tempo, se tornou modelo de liberdade politica e de moralidade administractiva, a mais estupenda maravilha com que nos poderia surprehender a America Latina.

III

A REPUBLICA E A CONSTITUIÇÃO

Victoriosa por factos previstos, previsiveis e sobretudo pelos imprevisos do acaso, a idéa republicana, tinham os doutrinarios, ideologos brasileiros, uma nova construcção politica a elaborar, do que se desempenharam a contento... de suas agitações cerebrinas. "Podiam-nos ter dado um bello edificio, solido e perfeito, deram-nos um formidavel barracão federativo, feito de improviso e a martello, com sarafos de philosophia positiva e vigamentos de pinho americano". Bem concretizada a criação de 91!

O legislador republicano não soube naquella época de lyrico liberalismo, corresponder, perante a nação brasileira, á responsabilidade estupenda de dar-lhe um governo e uma constituição á altura das necessidades viventes.

Sociedade Academica dos Hospitaes

Revestiu-se de solemnidade a posse da primeira directoria desta sociedade, realizada no Salão Nobre da Faculdade de Medicina.

Presidiu a sessão o dr. Eurico Curio, eleito presidente honorario da referida sociedade tendo feito ao abrir a alludida sessão bellissima e culta palestra sobre sua finalidade como sociedade de sciencias da classe estudantina medica de Pernambuco.

Declarada empossada a Dirictoria, falou o novo presidente, o academico Abelardo Calafange, que, em discuso cheio de conceitos sensatos, altamente criteriosos, disse dos seus intuitos na gestão que óra se iniciava.

Compareceram estudantes de todos as Escolas Superiores do Recife.

O Centro Academico da nossa Faculdade de Direito se representou pelo seu presidente e segundo secretario.

ALCINDO LEITÃO



dedicadas e prestigiosos.

Catholico pratico, Alcindo Leitão morreu confortado com os sacramentos da Egreja.

Logo que circulou a noticia do seu fallecimento, accorreram á casa de seus paes numerosas pessoas de posição social, academicos, jornalistas, etc. que lhes iam levar pezames.

O enterramento de Alcindo Leitão realizou-se ás 10 horas de hoje, no cemiterio de Santo Amaro, tendo sahido o feretro da casa onde se deu o obito e conduzido em auto de primeira classe, com extraordinario acompanhamento.

A's 7 horas da manhã foram celebradas missas de corpo presente pelo conego Henrique Xavier, presidente da Camara, conego João Carneiro, vigario de São José, e um padre jesuita, com a assistencia de familias, collegas e amigo do extincto.

Compareceram ao enterro commissões do Collegio Nobrega, da secretaria da Camara dos deputados e do Centro Academico da Faculdade de Direito.

— O corpo teve sepultura em cova rasa, onde a familia do pranteado morto fará levantar um mausoléu.

Antes, fizeram as ultimas orações os conegos João Carneiro, vigario de São José, e Gonzaga de Lyra, e dois outros sacerdotes.

No acto do enterramento, falaram o academico Antiogens Chaves, em nome dos seus collegas da secretaria da Camara; academico Arlindo Figueiredo em nome dos quart-annistas; bacharelado Boulanger Uchôa, pelo corpo discente da Faculdade de Direito do Recife.

— Sobre o cadaver, viam-se lindos bouquets de flores naturaes.

— Entre outras pessoas presentes ao enterro, vimos o senador Eurico Chaves, conego Henrique Xavier, presidente da Camara, deputado Gilberto Fraga Rocha, 1.º secretario da Camara, dr. Netto Campello director da Faculdade de Direito do Recife, etc. etc.

— Alcindo Leitão nasceu em Taquaretinga a 12 de dezembro de 1906.

— Sobre o feretro, vimos, entre outras co- roas, as seguintes:

«Ao querido Alcindo, saudade infinda de seus paes e irmãos»;

«A Alcindo Leitão, recordação de Braga e familia»;

«Homenagem do «Jornal Pequeno»;

«Saudades de Alberto Rodrigues e familia»;

«Ao companheiro querido, lembrança da Secretaria da Camara dos Deputados»;

«Ao padrinho querido, saudades de Jalba»;

«Ao querido Alcindo, lembrança do padre Henrique»;

«Saudades de Bartholomeu e familia»;

«Saudades de Fileno e Zizi»;

«Saudades da madrinha Candinha e primos»;

«Saudades de seus amiguinhos Eduardo, Enedina, Senizinha, e Helena».

Alcindo Leitão esteve preso ao leito durante 18 dias. Foram seus medicos os drs. Fonseca Lima, (assistente), João Marques, Selva Junior e Augusto Octaviano.

— Uma commissão composta dos srs. Luis Gayoso, Ademar Pereira e Fernando de Figueiredo Faria, representou o Tiro de Guerra 333.

— O externato M. N. S. Auxiliadora, onde o joven Alcindo Leitão fez a sua educação primeira, tomou luto por 8 dias. O professor J. Heronides Lopes representou o mesmo nos funeraes, depositando lindo ramallete de flores naturaes.

— O «Jornal Pequeno», pelo seu director, gerente, redactores, auxiliares e corpo graphico, ferido pela mesma dôr, leva aos inconsolaveis

paes do querido Alcindo Leitão o seu abraço de solidariedade no transe amargurado por que passam.

Estudantina pelo seu director apresenta os seus mais sentidos pezames á familia do dr. Irineu Leitão.

Em suffragio da alma do nosso querido e saudoso companheiro academico Alcindo de Castro Leitão, foram celebradas no dia 1.º de fevereiro, ás 8 horas, na Basilica do Carmo, missas do 7.º dia, a mandado de sua distincta familia, dos quart-annistas da Faculdade de Direito do Recife, dos auxiliares do Banco Mercantil dos Verejistas, do coronel João Jacques da Silva, da Congregação Marianna, da viuva Francisco Almeida, do sr. Edgar Pessoa, do Padre Chauseaux, e dos academicos Severino Cordeiro, José Pimentel e João Andrade.

Os piedosos actos foram concorridissimos, notando-se a presença de numerosas familias e de cavalheiros de destaque social.

Do *Jornal Pequeno* estiveram presentes o seu director, dr. Thomé Gibson, sr. Romeu Medeiros, gerente, drs. Oscar Pereira e Galvão Raposo, pelo corpo redaccional.

A nave de templo estava repleta. Celebraram no altar mór o exmo. canego Xavier, presidente da Camara dos Deputados, e nos altares lateraes frei Elyseu, padre Eugenio Villa Nova, padre H. Pires, nosso distincto collaborador, padre Gabriel Mousinho, professor do Seminario, padre Machado, e dois padres jesuitas. Houve encomendação solemne a conto-chão presidida pelo, padre Eugenio Villa Nova.

Compareceram commissões do collegio Prytaneu, Nossa Senhora de Pompéa e Externato Coração de Jesus, conferencia de Vicentinos de S. José, commissão do Banco dos Verejistas, muitos academicos de medicina, pharmacia, odontologia, engenharia e direito.

O Centro Academico da Faculdade de Direito representou-se pelo seu presidente e pelos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, bacharelado Boulanger Uchôa e os quart-annistas Alcenor Celso e Octavio Corrêa de Araujo.

— O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, recebeu cartas dos bacharelados Francisco Porto e Lourival Lacerda apresentando pezames pelo fallecimento do academico Alcindo Leitão.

— Os presidentes dos Centros Academicos das Faculdades de Direito do Pará e Manáos telegrapharam ao bacharelado Boulanger Uchôa sentimentalizando a morte de Alcindo Leitão.

— A quasi totalidade dos bacharelados que residem no visinho estado da Parahyba telegrapharam ao presidente do Centro Academico lastimando o desaparecimento do inditoso academico Alcindo Leitão.

— Os presidentes dos Centros Academicos das Escolas de Medicina, Pharmacia, Odontologia e Engenharia, do Recife, pessoalmente, presentes ás missas do setimo dia, mandadas celebrar pela alma de Alcindo Leitão, apresentaram pezames ao bacharelado Boulanger Uchôa, presidente do Centro Academico da nossa Faculdade de Direito.

— Do Rio de Janeiro, onde se achava, o professor da Faculdade de Direito, dr. Joaquim Pimenta transmittiu ao presidente do Centro Academico o seguinte telegramma:

RIO, 30, 1, 27

Presidente Centro Academico Faculdade de Direito - Recife.

Sentimentalizado fallecimento academico Alcindo Leitão apresento meus pezames extensivos sua prezada familia. (a) Joaquim Pimenta.

Transcrevemos, com a devida venia, do «Jornal Pequeno», 27 de janeiro, o que escreveu sobre o nosso inditoso collega.

Foi um rude golpe o que recebemos com a noticia do fallecimento, hontem, 26 de janeiro, do nosso querido collega de redacção academico Alcindo Leitão.

O obito occorreu ás 7 1/2 da noite, na residencia dos seus estremosos paes, á rua da Concordia n.º 541, desta cidade.

Alcindo Leitão era, incontestavelmente, uma das figuras brilhantes de sua geração, a quem parecia reservado o mais bello futuro.

Com os seus 2º annos apenas, cheio de vigor e mais cheio ainda das illusões da mocidade, o nosso inditoso collega amava a vida e della falava com um enthusiasmo radioso e communicativo.

E porque não ser assim, quando não lhe faltavam as melhores qualidades para triumphar, para vencer, no meio do egoismo ou da indiferença humanas?

Intelligencia ductil, Alcindo Leitão escrevia com facilidade e elegancia, demonstrando magnifica vocação para o jornalismo, emquanto, estudioso como era, se preparava para enfrentar outras facas da vida, fazendo o curso juridico-social de maneira honrosissima, sendo alumno dos mais distinctos da sua turma.

Mas, não só a viva intelligencia que irradiava do nosso joven e inesquecido collega, attrahia, prendia, todos quantos o conheciam.

Alcindo Leitão tinha um alto predicado, raro nos tempos que correm, quando a mocidade, inexperiente, deixa-se arrastar pela vertigem do futil egoismo que cada vez mais se para os homens: — um caracter puro. De costumes severos, rigidos, bebidos na educação que lhe ministraram os seus dignos paes, conduziu-se na vida o nosso tão pranteado companheiro com a mais elevada dignidade.

Outro traço impressionante do temperamento de Alcindo Leitão era a sua grande bondade.

Entre nós, todos lhe queriam, e muito, pela gentileza requintada, o affecto sincero que a todos distribuia. Um bom, na accepção mais rigorosa do termo. Não teve, jamais, uma palavra indelicada, uma phrase menos educada, para quem quer que fosse.

D'ahi a forte, a leal estima que lhe tributavamos.

Alcindo Leitão era filho do illustre dr. Irineu Leitão, honrado commerciante nesta praça, onde é socio da firma B. Marques & Mulatinho, e de sua exm. consorte d. Nazinha Leitão.

Fez os seus estudos preparatorios no conceituado Collegio Nobrega, revelando-se sempre alumno muito intelligente e applicado.

Matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife, concluiu em dezembro passado o 3.º anno, obtendo disctintas approvações.

Era funcionario da secretaria da Camara dos Deputados, que o tinha como um dos seus mais zelosos servidores, fazia parte do Tiro de Guerra n. 333 e pertencia á Congregação Marianna do Collegio Nobrega, que o contava como um dos seus membros mais

A CONTRADIÇÃO

Apanhar uma contradição consigo mesmo, como se costuma dizer entre nós, o sujeito, que tem a ignominiosa coragem de variar de opinião, é o prazer dos prazeres.

Si os deuses se houvessem reservado como privilegio divino essa faculdade, cada consumidor brasileiro de papel de escrever seria um Prometheu absorto em escalar as nuvens, não á procura do céu, mas em busca da prenda celeste de esgravatar divergencias do hontem para hoje nas opiniões alheias. Quando se topa, nas letras remexidas, com um desses achados preciosos, é dia de festa, illumina-se a casa, emboca-se o megaphono, e se annuncia ao longe que o adversario está esmagado.

Não ha, entretanto, inutilidade mais inutil. Os homens de sizo e consciencia riem destas malicias. Só a ignorancia ou a imbecilidade se não contradizem; porque não são capazes de pensar. Só a vulgaridade e a esterilidade não variam; porque são a eterna repetição de si mesmas.

Só os sabios baratos e os nescios caros podem ter o curso das suas idéas igual e uniforme como os livros de uma casa de commercio; porque nunca escreveram nada seu, nem conceberam nada novo.

A sinceridade, a razão, o trabalho, o saber não cessam de mudar: não ha outra maneira humana de acertar e produzir. Varia a fé; varia a sciencia; varia a lei; varia a justiça; varia a moral; varia a propria verdade; varia nos seus aspectos a criação mesma; tudo, salvo a instituição de Deus e a noção dos seus divinos mandamentos, tudo varia. Só não variam o obdurado ou o fossil, o apedenta, ou o nescio, o maniaco, ou o presumido.

Pode ser que no miolo de um compilador caiba inteiro o immenso universo juridico, petrificado, immutabilizado e catalogado nas suas regras, nas suas hypotheses e nos seus resultados.

Tirante, porem, essas cabeças privilegiadas, tudo no direito é mudar constantemente porque o direito resulta da evolução, e o envolver consiste no variar.

Ha os grandes principios, que formam a estructura permanente desse mundo; mas, na vasta atmospheria de idéas, que o envolve, nas grandes correntes dos systemas, que o sulcam, nos maravilhosos phenomenos creadores, que o animam em todas as

organizações que o povoam, em todos os resultados que o enriquecem, tudo se transmuda e renova e transforma, dia a dia.

De dia em dia esses grandes principios envolvem, progridem, e cambiam, na interpretação, applicação e reproducção, que lhes constituem a vida real. Não ha decretos, que se não alterem, nem sentenças, que se não reformem, nem arestos, que se não cancellem ou doutrinas, que não passem, licções, que não desmereçam axiomas, que não caduquem. Os textos, os codigos, as constituições, guardando o mesmo rosto e a mesma linguagem, na sua intelligencia e acção continuamente se vão modificando: significam hoje o contrario do que hontem significava; amanhã exprimirão coisa diversa da que hoje estão exprimindo; e, neste continuo accommodar-se ás exigencias das gerações successivas, tomam, successivamente, a cor das épochas, das escolas dos homens, que os entendem, commentam, ou executam. De sorte que, na tribuna do legislador, na cadeira do lente, na banca do causidico no pretorio do juiz, a palavra, as mais da vezes, não faz, sinão registrar as mutações e alternativas, em que direis consistir a essencia mesma do nosso pensamento e actividade.

Assim que, debaixo do céu, tudo obedece a essa eterna lei da transmudação incessante das coisas. *Si nihil sub sole novum*, tambem poderiamos dizer que *nihil sub sole constans*. Si todo o mundo se compõe de contradições, dessas contradições é que resulta a harmonia do mundo. Si das variações, póde emanar o erro, sem as variações o erro não se corrige. A boa philosophia é a de JOUBERT, quando nos aconselha que, si por amor da verdade houvermos de cair em contradições, não vacillemos em nos expor a ellas de corpo e alma. Si «a razão nunca está em contradição consigo mesma, quando segue as suas leis», como dizia o honesto JULIO SIMON, a unica especie de contradição, de que o espirito se ha de arreceiar, é a de se empedernir no erro, quando enxerga a verdade. O homem não está em contradição consigo mesmo, sinão quando o está com a sua natureza moral, que o ensina a considerar-se deshonorado, quando atina com a verdade, e se obceca no erro. É assim que o nosso proprio organismo vive, mudando toda hora, sem mudar nunca; porque da sua i-

dentidade realmente não muda, sinão quando, quebradas as suas leis organicas pela doença ou pela morte, deixa de eliminar, o que deve eliminar, e absorver o que lhe convem absorver.

Mas, si neste ir e vir continuo e neste incessante mudar giram todos os viventes, como todas as coisas, não haverá, talvez, nenhum dominio da vida, em que tanto suba de ponto a instabilidade, quanto nessas incomensuraveis regiões onde impéra o direito, nas circumstancias que o realizam, nos elementos que o definem, nas fórmulas que o regem, nas interpretações que o esclarecem, nas soluções que o applicam.

Por isto, não muda somente a jurisprudencia nacional, com o variar dos tribunaes, não muda só a de cada tribunal com a mudança de seus membros, sinão tambem a de cada juiz, muitas vezes, na mesma causa, de um a outro julgado, e não raras com toda razão; pois justamente para isso é que ella nos assegura, não só as appellações de uma a outra instancia, mas os embargos, decididos pelo mesmo magistrado, a cuja sentença os oppomos.

A intelligencia humana, até hoje, não descobriu outro meio de acertar, sinão o de correr rapidamente pelo erro, deixando-o, apenas conhecido, em cata da verdade, que nunca se sabe si se alcançará, sem errar outra vez.

Felizes os que variam da ignorancia para a sciencia, do erro para a verdade.

Afortunado o que, peccando um dia contra a verdade, ou contra a justiça, acorda, a tempo, do seu engano, e se retracta ainda utilmente do seu desvio.

Bemdictas as mudanças de opinião, quando se operam neste sentido. Ellas não abalam a consideração publica a quem merecer. Antes recommendam á estima, ao respeito e á confiança de seus semelhantes o homem, que não se desdoire de as confessar, e sem rubor pratique a nobre acção de es desdizer abertamente, pondo a consciencia acima do interesse, o dever acima da verdade, antes que o deserto, circulando abonado com o prestigio de um nome autorizado, comece a produzir consequencias malfazejas.

Professor Aloysio de Castro

O sr. presidente da Republica nomeou o dr. Aloysio de Castro director do Departamento Nacional do Ensino, em substituição ao dr. Rocha Vaz, que foi demissionado.

O professor Aloysio de Castro, nome conhecido no Paiz, tem occupado, de modo elevado e digno, posições de grandes responsabilidades, e, agora, com os applausos da classe estudantina nacional, recebe os votos de felicitações pela distinção merecida que lhe confia o sr. Washington Luis.

"A Bahia Nova"

Sob a direcção de Karlos Weber e com a collaboração selecta de escriptores brasileiros, sahi a publicidade na cidade do Salvador, na Bahia, a revista illustrada de letras, sciencias, artes, historia, industria, e commercio "*A Bahia Nova*".

O seu 1.^o numero traz um summa-rio que diz admiravelmente bem da sua elaboração, sob qualquer dos seus aspectos.

A' "*A Bahia Nova*" desejamos reaes triumphos e vida prospera.

E' seu correspondente, aqui no Recife, o nosso particular amigo e intel-

ligente moço sr. Eusinio de Figueirêdo Brasil.

"Revista Academica"

Orgão do Centro Academico da Faculdade de Medicina do Recife, sob a direcção do esforçado e intelligente academico Abelardo Calafange.

E' devido á sua abnegação incontestada que esta revista, já no seu segundo anno, sempre pública escolhida collaboração de academicos a qual muito recommenda a illustração da classe estudantina da referida Faculdade de Medicina.

Agradecemos ao seu director a remessa de suas edições.

6 de Janeiro

Estréa no Theatro do Parque, da Companhia Nacional de Revistas e Operêtas - *Vicente Celestino e Ary Nogueira*. O Presidente do Centro Academico conseguiu 20 permanentes para os estudantes da nossa Faculdade.

8 de Janeiro

Tendo fallecido o dr. Lafayette Tavares, irmão do dr. Octavio Tavares, professor da nossa Faculdade e nosso particular amigo, o Centro Academico fez-se representar no seu enterramento pelo vice-presidente acompanhado dos seus 1.^o e 2.^o secretarios, respectivamente, academicos Cyro Beltrão, Alcenor Celso e Octavio Corrêa de Araujo.

Á familia do illustre finado, principalmente ao seu irmão o sr. deputado Octavio Tavares o Centro Academico, pelo seu presidente, apresenta com este registro as expressões de seus sinceros pezames.

18 de Janeiro

O Centro Academico accedendo ao convite que lhe foi feito pelo Commandante do *Meteor*, navio allemão que, em expedição scientifica, anda fazendo estudos no Atlantico do Sul, compareceu na pessoa do seu presidente, bacharelado Boulanger Uchôa, acompanhado do 2.^o secretario, academico Octavio Corrêa de Araujo.

A festa dos officiaes revestiu-se de grande brilho.

Aos convidados, que se retiraram com a melhor das impressões, a officialidade foi prodiga em gentilezas, realizando-se as dansas ao som da orchestra de bordo.

O sr. Carlos von der Stein, consul acreditado nesta cidade, gentilmente serviu de interprete, durante o baile, as pessoas gradas da sociedade recifense.

20 de Janeiro

Publicação do 1.^o numero do segundo anno de *Estudantina*, orgão do Cen-

EXPEDIENTE DO CENTRO ACADEMICO

tro Academico da Faculdade de Direito do Recife.

21 de Janeiro

Remessa da revista *Estudantina* para todos os srs. Governadores dos Estados. Bibliothecas Publicas, Bibliothecas das Faculdades, Escolas Superiores do Paiz.

22 de Janeiro

O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, convidou os academicos Arlindo Figueiredo, orador do referido Centro, Torquato Castro, Arthur Neves, redactor de *Estudantina* e Milton Souto para, em commissão, tratarem com o sr. dr. Netto Campello, director da Faculdade, sobre as possibilidades do projectado Congresso Estudantino a ser realizado agora em 1927, no Recife.

24 de Janeiro

O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, numma acção conjuncta com os presidentes dos Centros Academicos de Medicina, Odontologia, Pharmacia e Engenharia, esposou a idéa do academico de medicina Abelardo Calafange no sentido de se conseguir da *Per-nambuco Tramways* favores para a classe estudantina.

Perante o gerente da referida Companhia, serviu de interprete, falando-lhe, em inglês, o bacharelado Casado Lima, nosso dedicado amigo e portador de fina educação, gosando, por isso, em nosso meio de profundas sympathias.

25 de Janeiro

Tendo fallecido a exma. sra. Laurinda Furtado Brederode, esposa do nosso collega, bacharelado Celso Brede-

rode, o Centro Academico pelo seu presidente apresentou á familia da prezada extincta, principalmente ao seu pae o sr. João Furtado e ao nosso estimado amigo bacharelado Celso Brederode as expressões dos seus sinceros pezames.

Victimou-a uma forte intoxicação, resultando improfiquos todos os recursos da sciencia medica e os ansiados desvelos da familia empregados na tentativa de a arrebatara morte.

O enterramento da chorada extincta teve logar na publica necropole de Santo Amaro, perante avultado numero de pessoas amigas.

27 de Janeiro

O Centro Academico da Faculdade de Direito compareceu ao enterro do academico Alcindo Leitão, fallecido no dia 26, ás 7 1/2 da noite, victima de febre typho. Verificou-se o seu sepultamento no cemiterio Santo Amaro, sendo o feretro acompanhado por todos os academicos de Direito, que se achavam aqui no Recife, tendo, acompanhado, além do nosso director, professor Netto Campello, estudantes das demaes Escolas Superiores e grande numero de cavalheiros da nossa sociedade.

No Campo Santo falaram o academico Antiogenes Chaves pela secretaria da Camara dos Deputados, onde o saudoso Alcindo Leitão éra funcionario; o academico Arlindo Figueiredo pelos seus companheiros do 4.^o anno do Curso Juridico; e o bacharelado Boulanger Uchôa pelo Corpo Discente da Faculdade de Direito.

30 de Janeiro

O presidente do Centro Academico compareceu ao embarque do academico Cyro Beltrão, 4.^o annista do Curso Juridico e Vice-Presidente do referido Centro, o qual se transferiu para a Faculdade de Direito da Universidade do Rio.

Muito estimado nos circulos estudantinos pela lealdade do seu caracter

e pela firmeza das suas attitudes, recebeu, na occasião do embarque, muitos abraços dos collegas da Faculdade e de amigos.

Tambem, neste mesmo dia, e com igual destino, embarcou o academico Sebastião Lins.

31 de Janeiro

O Centro Academico recebeu do illustrado professor da nossa Faculdade, dr. Joaquim Pimenta, um telegramma de pezames pelo fallecimento do inditoso academico Alcindo Leitão.

1 de fevereiro

O Centro Academico pelo seu presidente e 1º e 2º secretarios, respectivamente, bacharelado Boulanger Uchôa e os quartoannistas Alcenor Celso Uchôa e Octavio Corrêa de Araujo, tomou parte nos suffragios religiosos do 7º dia do fallecimento do academico Alcindo Leitão, celebrados na Basilica do Carmo, a mandado da sua extremosa Familia.

3 de fevereiro

O presidente do Centro Academico recebeu o seguinte officio:

Exmº. Sr. Bacharelado Boulanger Uchôa, presidente do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife.

De Manãos 3/2/927

Tenho a grata honra de levar ao vosso conhecimento ter sido empossada em data de hoje a directoria do nosso Centro eleita para o anno de 1927 e que ficou assim organizada:-

Presidente - Paulino Pereira; Vice Antonio Domingues Uchôa; 1º Secretario M. X. Paes Barreto Filho; 2º Secretario João Coelho; Orador - Cassio Dantas; Thezoureiro Monteiro Junior.

Aproveito a apportunidade que se me depara para vos apresentar os meus protestos de alta estima e distincta consideração.

Saudações

(u) M. X. Paes Barreto Filho

1º secretario

6 de fevereiro

A bordo do Almirante Jaceguay, do Loyd Brasileiro, seguiu para o Rio o quartoannista de Direito Alcenor Celso Uchôa Cavalcanti.

Transferido para a Faculdade de Direito da Universidade da Capital do Paiz, Alcenor Celso vai certamente conquistar a consideração a que faz jus pela sua intelligencia culta e pela sua educação distincta.

Primeiro Secretario do Centro Aca-

demico da nossa Faculdade de Direito, emprestou, com dedicação e lealdade, sua capacidade de moço de character á causa academica collaborando em *Estudantina*.

Ao seu embarque compareceram o presidente do Centro Academico, que se fez acompanhar do 2º Secretario, academico Octavio Corrêa de Araujo, e muitos seus collegas e amigos.

11 de fevereiro

O presidente do Centro Academico recebeu de Bello-Horizonte o seguinte telegramma:

"Bacharelado Boulanger Uchôa Presidente Centro Academico Faculdade Direito Recife.

De Bello-Horizonte | 10 | 2 | 27. às 17 e 30,

Communico collegas pernambucanos inserimos quadro formatura dr. Bevilacqua, homenagem especial gloriosa Faculdade Recife.

Saudações.

(a) *Bacharelado Gonçalo Rollemberg."*

— No mesmo dia, o presidente do Centro Academico transmittiu ao seu collega de Bello Horizonte o seguinte telegramma:

"Bacharelado Gonçalo Rellemberg Faculdade Direito Bello Horizonte Em nome Corpo Discente agradecemos distincção prestada querido Mestre, honra que sabremos retribuir em egualdade de affectos.

Saudações

(a) *Boulanger Uchôa*

Presidente Centro Academico.

13 de fevereiro

O Centro Academico pelo seu presidente e segundo secretario, respectivamente, bacharelado Boulanger Uchôa e academico Octavio Corrêa de Araujo, correspondeu ao convite que lhe foi feito pela Sociedade Academica dos Hospitaes de Pernambuco, para assistir a posse da sua nova directoria.

17 de fevereiro

O centro Academico recebeu o seguinte convite fazendo-se representar pelo seu presidente:

Exmo. Sr. Bacharelado Boulanger Uchôa, presidente do Centro Academico de Direito do Recife

A commissão abaixo assignada tem a subida honra de convidar V. Exc. e Exma. Familia para abrilhantarem com a sua presença a sessão solemne de posse

da nova Directoria da "SOCIEDADE DE INTERNOS DOS HOSPITAES DO RECIFE", a se realizar ás 19 1/2 horas do dia 17 deste mez no salão de honra do "Departamento de Saude e Assistencia".

Por essa occasião fará uma conferencia scientifica o Prof. Edgar Altino Desde já agradece o comparecimento

A COMMISSÃO

Gildo Netto, Costa Pereira, Medeiros Britto, Caldas Ferreira

18 de fevereiro

O Centro Academico recebeu o seguinte officio:

Exmº. Sr. Bacharelado Boulanger Uchôa, presidente do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife.

O Centro Academico Onze de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, tem a honra de communicar a V. Excia. que, em sessão solemne realizada a 24 de janeiro, deste anno, foi empossada a seguinte directoria, eleita para dirigir seus destinos durante o exercicio correspondente a 1927.

Presidente: Joviro Gonçalves Foz, Vice Presidente: J. Ulysses Teixeira das Neves, Primeiro Secretario: José A. Arantes Monteiro, Segundo Secretario: José Maria de Azevedo, Orador: Thrasybulo P. Albuquerque, Vice Orador: João Guedes Tavares, Thezoureiro: Honorio Dias de Siqueira, Procurador: Edgard Moura Bittencourt, Bibliothecario: Armando Magalhães, Archivista: Luis Leite Chaves.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos da nossa alta consideração.

São Paulo, 1 de fevereiro de 1927

(a. a.) Joviro Gonçalves Foz

Presidente

José Antonio Arantes Monteiro

Secretario

19 de fevereiro

O presidente do Centro Academico forneceu uma nota á imprensa indigena desmentindo uma noticia telegraphica, transmitida do Rio para o "Jornal do Commercio" e a "A Provincia" com respeito á matricula dos quintoannistas de 1927, a qual dizia a nossa Faculdade de Direito não ter estudantes matriculados neste anno.

No livro de matricula estão escriptos 39 academicos, e as aulas funcio- nam desde 12 de janeiro, conforme prescreve o decreto nº 5121 de 29 de dezembro de 1926.

Sal e Xarque

Agentes de Pereira Carneiro & Cia. Limitada

[Companhia Commercio e Navegação]

33, Rua do Vigario Tenorio, 43

Endereço Telegraphico CAMICO — Telephone N. 1806

PERNAMBUCO RECIFE

Pereira Carneiro & Cia.

xxxxxx Fabrica de Malha da Varzea xxxxxx
xxxxxx

Avenida Affonso Olindense, 1513

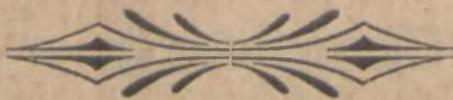
Telephone N. 1459 --- VARZEA

PERNAMBUCO RECIFE

Fabrica a Vapor de Cortumes S. José

DE

FELIX GUERRA



CORTUMES E PREPARAÇÃO DE VAQUETAS DE VARIAS QUALIDADES

E CÔRES, PELLICAS, CARNEIRAS,

SOLAS E RASPAS LAMINADAS, RASPAS TINGIDAS E PREPARADAS

PARA O FABRICO DE MALAS

E TAMANCOS, TACÕES LAMINADOS, etc, etc.

— AGENTE DO BANCO DO POVO, DO RECIFE —

CODIGOS: A. B. C. 5.^a Ed. Ribeiro, Borges e Particular.

End. Telg. Cortume



Fabrica e Escritorio: Rua do Rio, n. 2



ALAGÓA GRANDE

ПАРАИУБА ДО НОРТЕ

Herm. Stoltz & Cia.

(HERM. STOLTZ - HAMBURGO)

Rio de Janeiro — São Paulo — Santos

RECIFE — Avenida Marquez de Olinda, 35

Caixa 168 — End. Teleg, " Hermstoltz "

Importadores de ferragens grossas e finas.

Fornecedores de Machinismo para Usinas de assucar.

Destillações aperfeiçoadas para Alcool e Aguardente e toda especie de machinas.

Acceita quaesquer encomendas para Europa e America

Agentes das Cias. de Seguros:

INTERNACIONAL — Rio de Janeiro e ALBINGIA — Hamburgo

Cia. de Navegação Allemã:

Norddeutscher Lloyd Bremen

SABOARIA PARAHYBANA

PARAHYBA DO NORTE

Seixas Irmãos & Cia

A mais importante do Paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme produção

Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores porque conservam authenticos até o final os perfumes nelles empregados.

È a que produz maior variedade de sabonetes: Perfumados e Medicinaes.

RECOMMENDAMOS ÀS EXMAS. FAMILIAS AS SEGUINTE MARCAS DE SABONETES PERFUMADOS :

Felipéa — O idéal para as pessôas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francês, aroma sem rival.

Epitacio Pessoa — Perfume agradabilissimo.

Billa — Perfume de agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

Gentleman — Sabonete finissimo de grande reputação.

Sandalo — Sabonete grande, redondo, perfumado.

Angelita — Perfume rosa, extrafino fabrico esmerado.

Orchidéa — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flôres.

Seixas — Perfume Flôr do Brasil é mais um sabonete que se impõe pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

Sonho das Nymphas — Reclame da fabrica. Perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

Princesa — È um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

Santol — Em sabonete de baixo preço esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradavel aroma, muito concentrado, prestando-se não só á mais fina "toilette," como tambem para barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

TEMOS EM DEPOSITO PERMANENTE OS SEGUINTE:

Sabonetes medicinaes

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo esrupulo nas dosagens dos medicamentos.

Preços excessivamente commodos.

Alcatrão.....	16 "
Alcatrão e enxofre.....	10 "
Alcatrão e ichtyol.....	5 "
Enxofre.....	10 "
Ichtyol.....	1 "
Sublimado.....	1 "
Sublimado e resorcina.....	1 "
Sublimado e ichtyol.....	1 "
Araroba.....	1 "
Araroba e ichtyol.....	1 "
Phenicado.....	2 "
Lysol.....	4 "
Boricado.....	5 "
Sulphuroso e phenico.....	6 "
Creolina.....	5 "

Recommendamos:

Sabão "Protector." — Hygienico, corbilico, optimo desinfectante, não prejudica a pelle.

Sabão "Alvorada" — O melhor que existe para lavagem, de seda e tecidos finos.

Sabão "Jaspe" — Em blocos de 150 grammas, consistente, economico, de superior qualidade.

CASA NOVA YORK

J. SANTOS & Cia

ALFAIATARIA FUNDADA EM 1914 — TITULO E FIRMA REGISTRADOS

PHONE, 916

Secção de Côte:

Applicação dos melhores artigos: Casimiras, Palm-beachs
e Brins brancos.

Secção de Aluguel:

Trajes de rigor para casamentos, bailes, etc, etc. — novos
e em todos os modelos.

Critério e cavalherismo

RECIFE

SOCIEDADE ANONYMA GRANDE CORTUME DO BARBALHO

ESCRITORIO: — Avenida Marquez de Olinda, 296

Caixa Postal , 366 — End. telegraphico " ROMEIRA "

TELEPHONES: Escriptorio 1771. Fabrica 1380

Vaquetas ao chromo pretas e de côres — garantidas e fixas.

Bufalo branco de primeira, até hoje o melhor nacional, para calçados brancos de homens e senhoras

Pellicas e carneiras ao chromo em todas as côres; carneira para encadernação.

Raspas estampadas — para malas e artigos de viagens.

Solas laminadas para calçados e outros misteres industriaes.

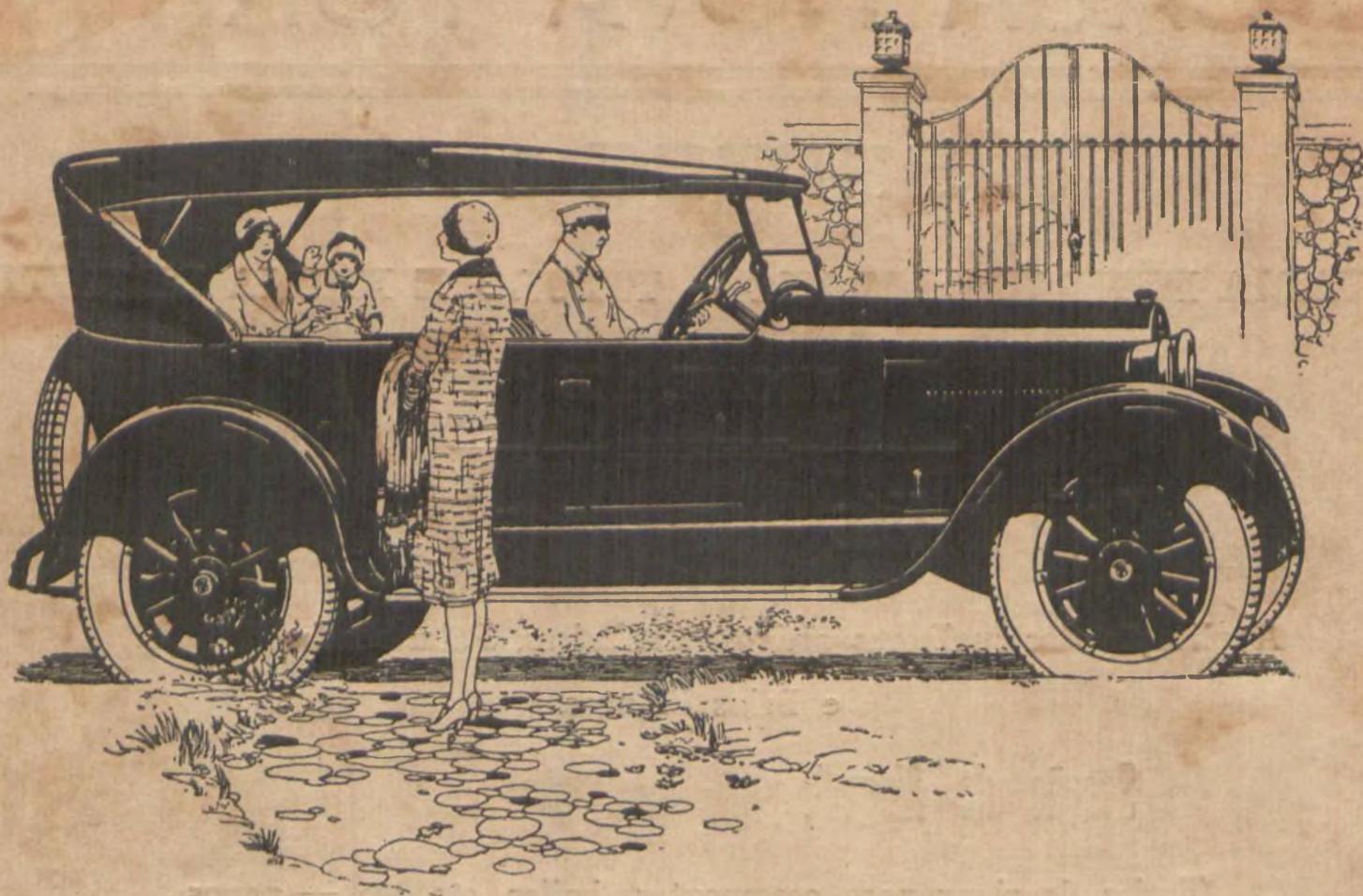
Raspas brancas para tamancos e tingidas para chinellos.

Grande fabrica de correias simples, duplas triplas — para trasmissões, ao chromo — e ao vegetal.

Correias moles para téares: Cordões de sola — de 4 á 8 m/m

Os nossos processos de fabricação habilitam-nos a offerecer á freguezia productos uniforme. superior
resistencia e inegalavel acabamento. Entrega a praso curto — Absoluta garantia na metragem.

Peçam amostras



As vantagens dos automoveis

DODGE BROTHERS

sobre todos os outros automoveis, tornam-se evidentes sobretudo onde não ha bôas estradas.

A grande resistencia dos carros

DODGE BROTHERS

a sua extraordinaria potencia, e a simplicidade de sua construcção e manejo, tornam-se tanto mais evidentes e apreciadas quanto maiores são as difficuldades a vencer.

AGENTES:

Antunes dos Santos & C.

☞ Rua da Imperatriz, n. 14 - Recife ☞

AUTOMOVEIS

DODGE BROTHERS